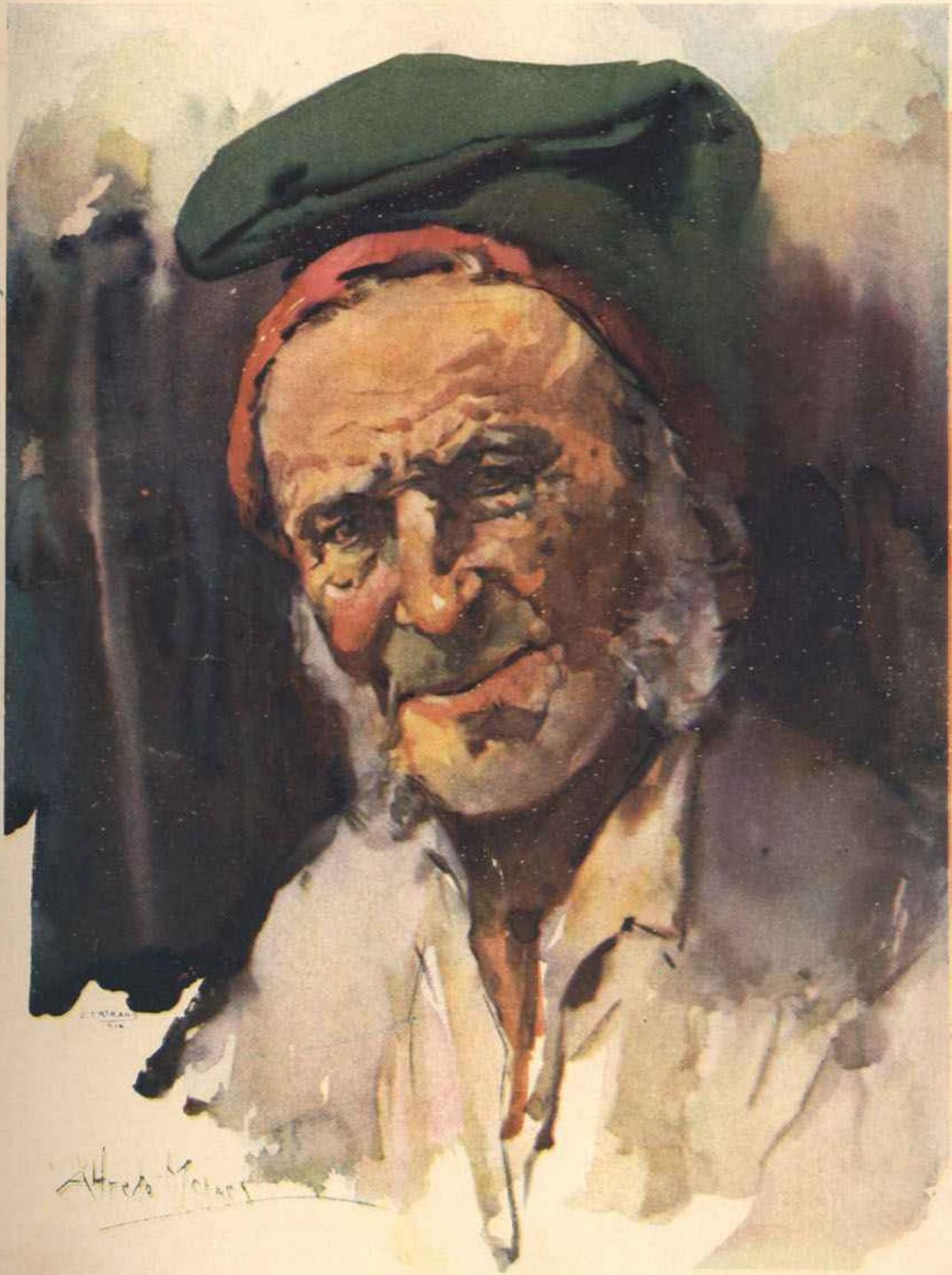


# ILUSTRAÇÃO



2.º ANO  
NUMERO 26

Lisboa 16 de Janeiro de 1927

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO  
4\$00

# VERAMON



KIRCHBACH



**Se sofre de dôres  
é porque o quer.**

Tomando um ou dois comprimidos de VERAMON-SCHERING desaparecerão rapidamente suas dôres da cabeça, dos dentes assim como os incomodos da menstruação. O Veramon não produz sôno, nem ataca o coração. Aceite só o empacotamento original: tubos de 10 e 20 compr. de 0,4 gr.

Chemische Fabrik auf Actien (vorm. E. SCHERING.), Berlin N. 39



## Beleza Perduravel

Beleza excepcional de contorno e acabamento — espaçosa comodidade — funcionamento extremamente suave.

Eis as qualidades características do Sedan Especial Dodge Brothers, distinto também pela mesma rija construção e perfeito desempenho que tanto têm concorrido para a fama dos automóveis Dodge Brothers desde o seu aparecimento.

É incomparavel para quem deseja possuir um automóvel fechado, luxuoso, fresco no verão, devido á sua bem distribuída ventilação, ainda que abrigado da poeira, e agasalhado no inverno, perfeitamente resguardado da chuva e das intempéries.

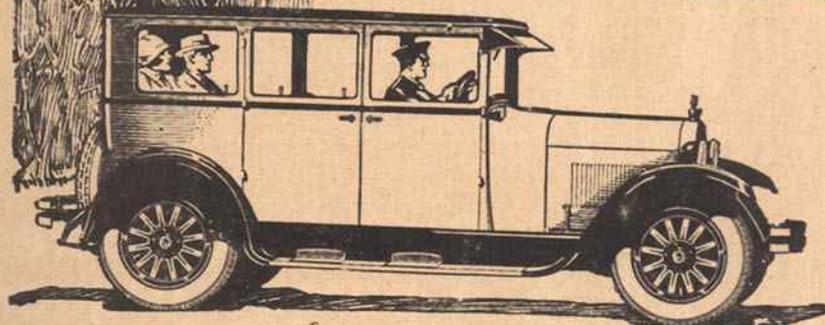
BERNARDINO CORRÊA, LTD.

LISBOA

PORTO

1, Avenida da Liberdade

21, Avenida dos Aliados



# AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

# Novo Atlas Universal

DE

# Geografia e Historia

POR

J. MONTEIRO e L. SCHWALBACH

(Nova edição actualisada)

16 mapas de Geografia Geral.

27 mapas relativos a Portugal e suas colonias.

34 mapas de geografia particular dos Estados.

4 mapas de geografia economica.

36 mapas de Historia Universal.

14 mapas da Historia de Portugal.

No total de 131 mapas diferentes esplendidamente gravados e coloridos

Um volume encadernado . 50\$00

O mais barato e o mais completo de todos os ATLAS escolares nacionais e estrangeiros

. . . . .

PEDIDOS AOS EDITORES:

Livrarias Aillaud e Bertrand  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

# AUTOMOBILISTAS!!!

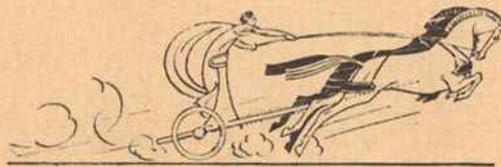


Nem só um bom **OLEO**



ou só uma boa **GAZOLINA**  
podem fazer o motor arrancar bem

É INDISPENSÁVEL A COOPERAÇÃO **DE AMBOS**



Não tem vantagem alguma o emprego de uma gazolina de fácil inflamação em cilindros colados por oleos que não suportem o frio.

Egualmente nenhum oleo, por melhor que seja pode fazer arrancar rapidamente o motor se a gazolina não carburar com o motor frio.

Usai pois uma gazolina rica em materias volateis assim como um oleo que conserve a sua fluidez a baixas temperaturas.

Empregai a combinação dos produtos que a SHELL vos oferece e tereis a certeza de que os vossos motores arrancarão com facilidade.

# SHELL

**GAZOLINA E OLEOS**



THE LISBON COAL & OIL FUEL C.<sup>o</sup> L.<sup>TD</sup>

# NOVIDADES LITERARIAS

## Novos livros para Crianças



### Biblioteca Infantil

.....

Acabam de publicar-se  
e já estão á venda

## O que Canta o Pintassilgo

(SERIE B — N.º 4)

*Jane Bensaude  
e Agostinho de Campos*  
ESCREVERAM

*Raquel Roque Gameiro Ottolini  
e Emmerico Nunes*  
ILUSTRARAM

## O Romance das Ilhas Encantadas

(SERIE C — N.º 3)

JAYME CORTESÃO

ESCREVEU

ROQUE GAMEIRO

ILUSTROU

Cada volume brochado . . . 6,500  
Encadernado . . . . . 10,500

.....

*Pedidos aos Editores:*



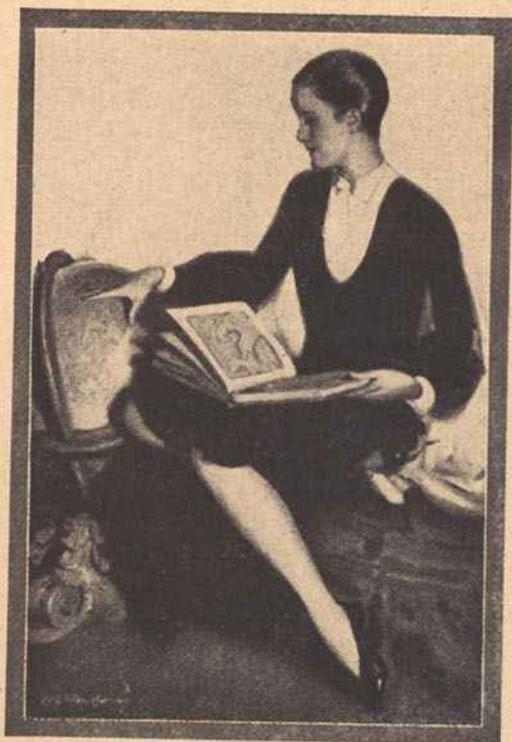
LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Leiam todos

O

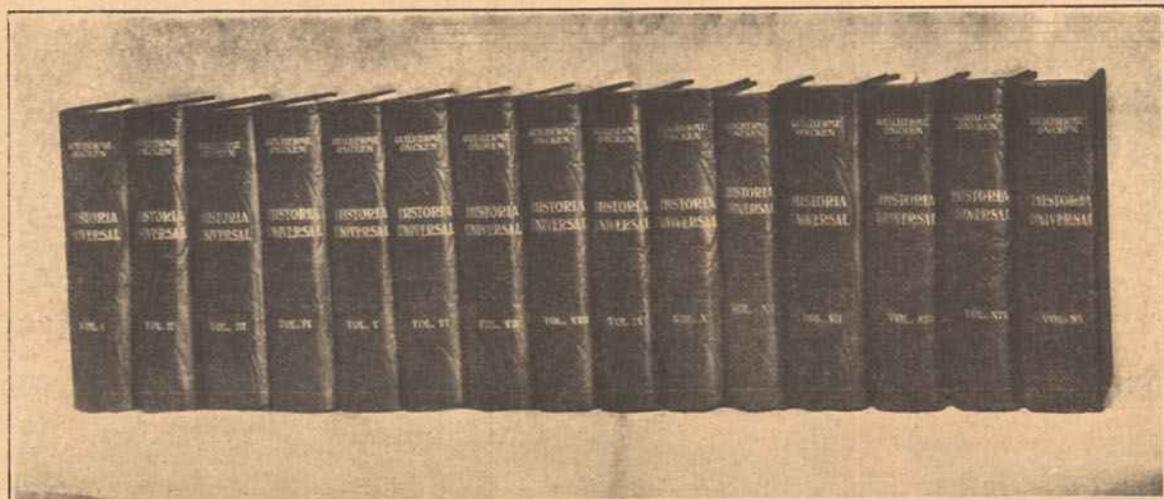


O

MAGAZINE  
**BERTRAND**  
LEITURA PARA TODOS

Unico no seu genero em Portugal

## OBRA MONUMENTAL

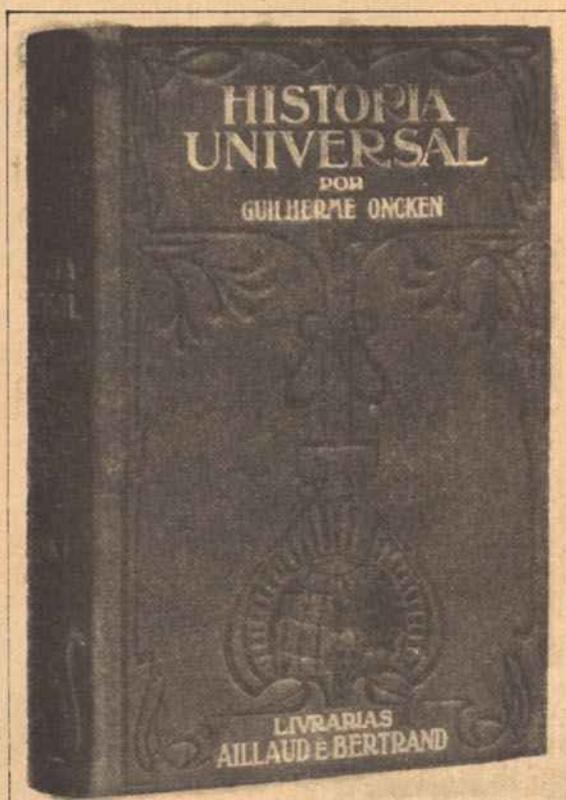


# HISTORIA UNIVERSAL

POR

GUILHERME ONCKEN

Publicação em português dirigida e ordenada primitivamente por *Consiglieri Pedroso* e presentemente pelo *Dr. Manuel de Oliveira Ramos*, lente da Faculdade de Letras de Lisboa. A mais completa, a mais científica, a única que nos nossos dias constitui matéria de fé em todos os problemas e questões históricas. A primeira da actualidade. A obra de maior vulto que neste género se tem tentado em lingua portuguesa. Profusa e ricamente ilustrada a côres, com reproduções de quadros célebres representando batalhas, costumes, etc.; de monumentos, armas, objectos de arte, tipo de raças, grandes figuras históricas, autógrafos, páginas manuscritas, iluminuras, etc., etc. Impressa em esplêndido papel, hors-textes em papel couché, in-4.º. — Encadernação própria e cêrca de 1.000 páginas por cada volume.



*Já publicados:*

91 tomos = 15 volumes.

**10 % de desconto**

a todas as pessoas que adquirirem os 15 volumes dum só vez

Aceitam-se assinaturas desde o início, facultando-se a quem o desejar, a aquisição da obra a pouco e pouco, e longe de qualquer encargo pesado.

*A terminar brevemente a publicação.*

Cada vol., enc. ....	65\$00
Cada tomo, br. ....	8\$00
Encadernação por cada vol. ....	25\$00
Capas para a encadernação. ....	15\$00

Pedidos aos editores: **LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABAM DE APARECER

NOVAS EDIÇÕES

Vicente Blasco Ibañez

# A Catedral

(4.ª edição)

# Jesuitas

(3.ª edição)

# A Cortezã de Sagunto

(3.ª edição)

PEDIDOS AOS EDITORES

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**PETROLEO** M. d. F.



# HAHN



**PARA O CABELO**

*Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira*

FRASCO GRANDE 24,500    FRASCO PEQUENO 17,500  
VENDA POR GROSSO

Agentes depositarios: **J. DELIGANT, L.<sup>da</sup>**  
15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA



## A PHOSPHATINE FALIÈRES

misturada com o leite é o alimento o mais agradável e o mais recomendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablação e durante o periodo da crescido.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & C<sup>o</sup>), 6, Rue de la Tacherie, PARIS

**COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES**  
Sociedade Anónima — Estatutos de 20 de Novembro de 1894

**MATERIAL E TRACÇÃO**  
**ARMAZENS**

Fornecimento de 420 toneladas de oleo mineral escuro para lubrificação

No dia 25 do corrente pelas 12,30 horas, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 420 toneladas de oleo mineral escuro para lubrificação.

As condições estão patentes, em Lisboa, na repartição central do Serviço dos Armazens da Divisão do Material e Tracção Gerais, (edifício de Santa Apolonia) todos os dias uteis das 10 ás 16 horas.

O deposito para ser admitido a licitar deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia de concurso, servindo de regulador o relógio externo da estação do Rocio.

Lisboa, 3 de Janeiro de 1927.

**O Director Geral da Companhia** — (a) *Ferreira de Mesquita*

**COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES**  
Sociedade Anónima. — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

A partir de 15 de Janeiro de 1927 e até aviso em contrario, ás remessas a transportar nas linhas desta companhia são applicadas, no que respeita a prazos de transporte, as seguintes disposições:

**Em grande velocidade:**

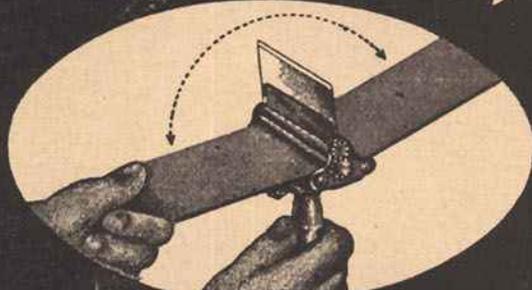
- Os transportes fúnebres e remessas de metalleo ou valores, criação e animais vivos, golo, leite, caca morta e carnes frescas, mariscos e pescaria fresca, hortaliças e frutas frescas, legumes verdes, plantas vivas e flores frescas (cortadas), serão transportadas nas condições que normalmente prescreve a Tarifa Geral (seu art. 38.º e § unico) para as remessas de grande velocidade.
- Quaisquer outras remessas de grande velocidade não designadas na anterior alinea a) serão transportadas em prazo que não podera ir além de 24 horas por cada fracção indivisivel de 150 kilometros de distancia a percorrer, não se contando neste prazo o dia da expedição nem o da entrega.

**Em pequena velocidade:** As remessas serão transportadas em prazo que não deve exceder 48 horas para a primeira fracção indivisivel de 50 kilometros, e de 24 horas para cada uma das seguintes fracções de 75 kilometros não se contando neste prazo o dia da expedição e o da entrega.

O presente annula e substitui o Aviso ao Público A n.º 58 de 5 de Março de 1925.

Lisboa, 10 de Janeiro de 1927. — O Director Geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita*.

## Máquina de barbear "VALET" Auto Stop



**Economisa continuas despesas de laminas novas**

**PRINCIPAIS VANTAGENS**

- Dispositivo suavizador que permite dar á lamina em dol. segundos um fio finissimo sem haver necessidade de retirar a lamina da maquina e sem necessitar de nenhum aparelho especial e custoso.
- Gracas á qualidade do aço as laminas podem servir 50 vezes ou mais, economizando continuas despesas de laminas novas.
- A limpeza é extremamente facil, não havendo necessidade de retirar a lamina nem de desparafusar ou desmontar nenhuma peça.

Agencia: Lachaud, 44 Rua dos Fanqueiros Lisboa

## O Magazine Bertrand

Encontra-se já á venda em todas as livrarias, tabacarias e em casa de todos os agentes e correspondentes das

**LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND**

Agencia Oficial **LINCOLN - FORD - FORDSON**

**OREY LIMITADA** R. 24 DE JULHO, 42 A 42-C — LISBOA

Chama a vossa atenção para o anuncio publicado na capa

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA  
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 27—Lisboa

# ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.<sup>DA</sup>  
R. Anchieta, 25 — Lisboa

DIRECTOR:

JOÃO DA CUNHA DE EÇA

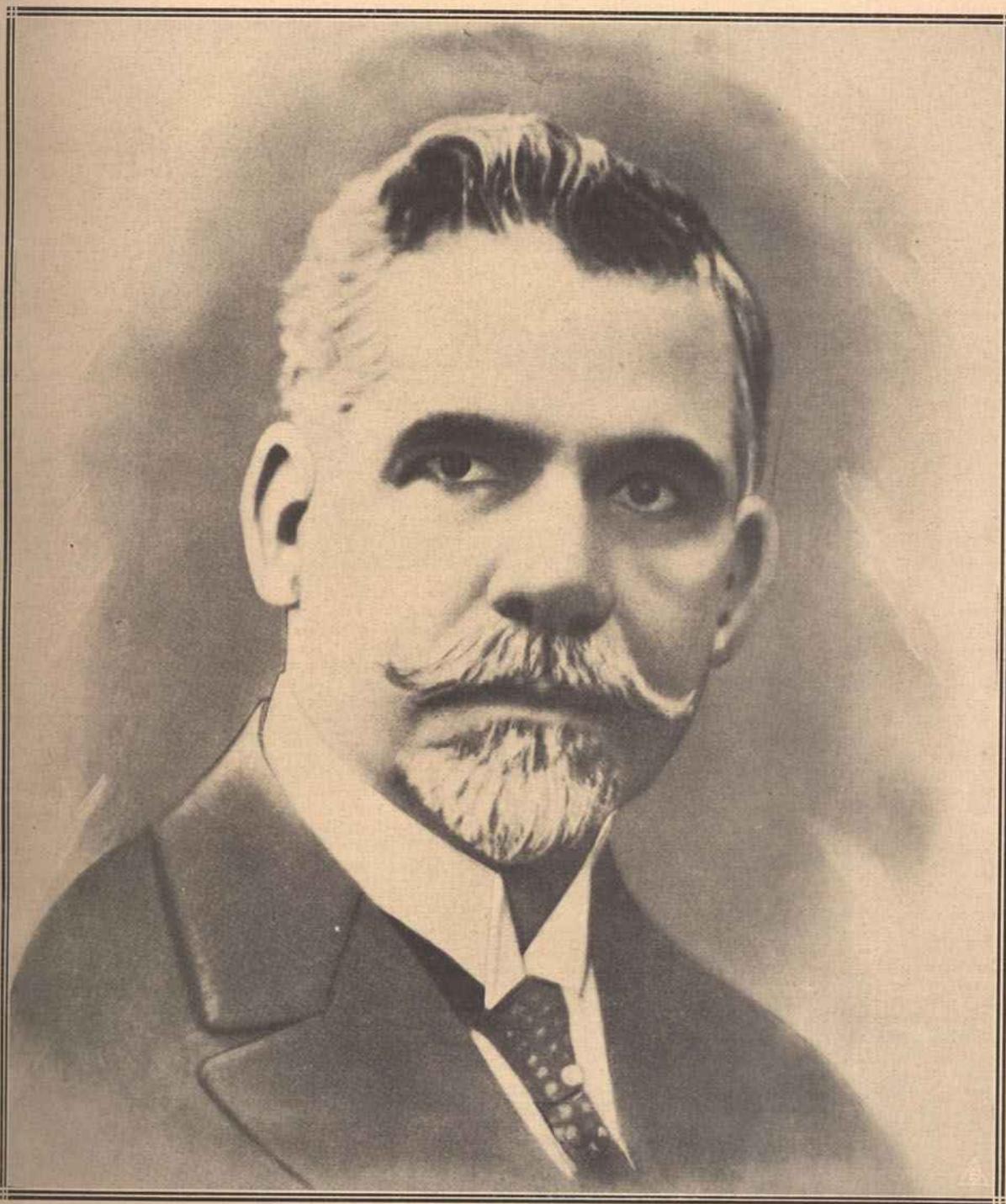
DIRECTOR TÉCNICO:

FELICIANO SANTOS

ANO 2.<sup>o</sup>—NÚMERO 26

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

16 DE JANEIRO DE 1927



DR. WASHINGTON LUÍS

NOVO PRESIDENTE DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

## CRÓNICA DA QUINZENA

**R**ECRUESCE a febre de emigração, que é, apenas, como todas as febres, sintoma e não doença, muito embora teimem em considerá-la doença os curandeiros que, sem diploma de competência, exercem ou pretendem exercer a medicina social.

A questão demográfica é um dos aspectos mais interessantes do problema social, e o fenómeno da emigração é um dos elementos em que pode e deve decompor-se essa questão, mais do que outra qualquer vasta e complexa, para devidamente ser compreendida e estudada. Medidas repressivas da emigração de ordem policial, como se de um crime ou delicto se tratasse, é muito fácil decretá-las; mas a sua execução oferece muitas dificuldades, e a sua legitimidade carece de ser provada.

Admitamos, desprezando pequenas diferenças, que a área do País é de noventa mil quilómetros quadrados e que a sua população é de seis milhões de habitantes. Temos, pois, que a nossa densidade de população é insignificante, representada por este número—66, não fazendo caso das décimas. Além de ser escassa, a nossa população é mal distribuída, tão mal distribuída que no Alemtejo para cada quilómetro quadrado há apenas dezoito habitantes. Como sucede nas demais Províncias, há no Alemtejo muitos terrenos insusceptíveis de cultura; mas os incultos que podem ser cultivados representam uma área a que deveria corresponder uma população específica, pelo menos igual à do Minho ou Douro. Geralmente, quando se fala de terrenos incultos, alude-se a todos os terrenos em que se não faz cultura de qualquer espécie, sem ter em consideração que terras há que se não podem cultivar, por ser nula ou excessivamente reduzida a sua aptidão cultural. A exploração agrícola tem de ser remuneradora, economicamente lucrativa, ou então a agricultura, como disse Mariano de Carvalho, é pura e simplesmente a arte de empobrecer alegremente.

Como quer que seja, a tristíssima verdade, o facto que dolorosamente temos de constatar, porque se impõe com a força ou a brutalidade da mais irrecusável evidência, é este — o País não tem a população que devia ter para devidamente se explorar o seu solo, cheio de possibilidades de riqueza.

Sendo assim, o que representa a nossa emigração, na inquietante proporção em que se faz desde há longos anos?

Um país que tem população em excesso, como a Alemanha antes da guerra, como o Japão de há meio século a esta parte, precisa fazer emigrar alguns milhares dos seus habitantes, sobretudo se o seu solo é pobre, embora seja rica a sua indústria. Estava naturalmente indicado que a Alemanha, quando tinha colónias, mandasse para lá os seus emigrantes, realizando assim uma expansão da raça, tornando muito maior a Metrópole, sem que a dispersão geográfica lhe fizesse perder a unidade política. O Japão, falho de colónias, manda os seus emigrantes para toda a parte onde não se escusam a recebê-los, preferindo a América do Norte a qualquer outro país se o *Yankée* não lhe fechasse a porta a cadeado e ferrólho. Actualmente o nipónico demanda em grandes levas o Brasil, mostrando tendências e desejos a fazer da Amazonia uma colónia japonesa.

A emigração da Espanha e da Itália, Países da nossa raça, é um fenómeno patológico, como a emigração portuguesa, porquanto nestes Países não há excesso de população, e os seus incultos susceptíveis de cultura representam uma

área de milhões de hectares. Os latifúndios, que em Portugal já pouco mais são que um enfeite retórico para uso de economistas palmeiros, na Espanha são uma flagrante realidade, havendo proprietários que mantêm incultas superfícies de milhares de hectares só para aí caçarem lebres, coelhos e perdizes. Que nós saibamos, ainda se não deu começo de realização, na Itália, a um plano de colonização interna, da autoria de Nitti, financeiro ilustre e muito ilustre estadista.

Pois bem; na emigração para o Brasil, e é esta a que particularmente nos interessa, estes três Países—Portugal, Espanha e Itália—são os que entram com maior quota, sendo o nosso coeficiente emigratório igual ou superior à soma dos outros dois.

Em 1925 da Espanha foram para o Brasil 10.062 emigrantes e da Itália 9.846, ou seja um total de 19.908. De Portugal, no mesmo ano, foram 21.508.

Num período de dezassete anos, contados de 1908 a 1924, saíram da Espanha para o Brasil 257.628 emigrantes, e da Itália, no mesmo período, 227.453, o que perfaz um total de 485.081.

De Portugal, no transcurso destes dezassete anos, saíram para o Brasil, quasi todos do Minho e Beiras, 524.305 emigrantes.

Mesmo durante a guerra, em que a Espanha não tomou parte, conservando uma neutralidade que umas vezes, conforme as suas conveniências de toda a ordem, violava em favor dos alemães, outras vezes violava em favor dos aliados, mesmo durante a guerra nós mandámos para o Brasil maior número de emigrantes que a Espanha, e um pouco mais que o dobro da Itália.

Os números são enfadonhos para a maior parte da gente; mas são duma eloquência tão persuasiva, que vale a pena expô-los, ainda mesmo correndo o risco de enfadar o leitor.

Pois durante a guerra a Espanha, País neutro, mandou 50.484 emigrantes para o Brasil, e nós, País beligerante, tendo de lutar contra os alemães em África e na França, mandámos 69.832.

No ano seguinte ao do armistício, isto é, em 1919, o número de emigrantes espanhóis para o Brasil foi de 6.627, o de portugueses foi de 17.068. Os espanhóis, não tendo entrado na dança, claro está que não tiveram mortos nem feridos; nós tivemos alguns milhares de mortos no campo de batalha, e tivemos centenas de feridos por balas ou por gases, inutilizados, por falta de saúde, para o resto da vida.

A partir de 1919 a nossa emigração continuou a fazer-se em larga escala, sendo a média anual, até 1925, de 26.500 emigrantes.

Nos últimos dois meses do ano passado re-cruesceu a febre emigratória, febre que é apenas, como todas as febres, um sintoma, muito embora os mezinheiros lhe chamem doença, preconizando contra ela remédios drásticos, para me servir duma correnteia expressão in-

glesa, que não corresponde à mesma expressão em português, de significado restritamente farmacêutico.

Há muito devia estar rigorosa e scientificamente estudado o fenómeno patológico da nossa emigração, definindo-se a doença de que ela é sintoma, e instituindo-se a terapêutica racional, e não grosseiramente empírica, que pode curá-la, se é susceptível de cura. Prende-se intimamente com este fenómeno patológico o fenómeno natural da natalidade, tão intimamente que não vale a pena considerar um sem ao mesmo tempo considerar o outro.

A população de Portugal é escassa—seis milhões de habitantes para noventa mil quilómetros quadrados de superfície.

Mas não será lícito perguntar se vale a pena, se há vantagem para a comunidade em promover um aumento de população, mantendo-se o exodo emigratório na escala em que vem a fazer-se há muitos anos?

Dizia Jean Baptiste Say que é melhor aconselhar os homens a fazerem economias que a fazerem meninos, e num País em que os meninos de hoje serão emigrantes amanhã, o conselho não é para pôr inteiramente de banda, como uma *boutade* de mau gosto.

Todos os demógrafos que, à semelhança de Say, teem dado aos seus estudos sobre a população uma base puramente económica, poderiam aconselhar, como êle, as economias em vez dos meninos, pervertendo o conceito da família, que não é completa, nem é socialmente útil, se não for fecunda.

O emigrante é um instrumento de trabalho: no País para onde emigra, produz riqueza. Da economia que faz sobre os seus salários, manda uma parte para a família que aqui deixou; mas a totalidade do que lhe pagam é nada, é bem pouca coisa em comparação do que produz. Se aqui trabalhasse, e o seu trabalho fôsse devidamente pago, economizaria uma fracção maior ou menor dos seus salários, tornando-se previdente, e os valores que produzisse, ainda que indirectamente, aumentariam a fortuna pública. De resto, como diz Rugeot, e como êle pensam todos os modernos economistas, o trabalho bem remunerado é favorável à raça, porque só o homem que se alimenta suficientemente, que vive em boas condições higiénicas e conserva uma florescente saúde dá as desejáveis garantias duma prole vigorosa e sadia.

Vale a pena estudar o fenómeno da emigração, determinando as suas causas, e parece-nos bem que este estudo não será um trabalho de hércules, um trabalho que não possa fazer, mesmo sem os auxílios do Estado, um professor, um médico, um sociólogo, um economista.

BRITO CAMACHO.

A «Ilustração» começará a publicar brevemente, uma das mais sensacionais obras de Conan Doyle, o romancista inglês de reputação mundial.

# ACTUALIDADES



CUMPRIMENTOS DO ANO NOVO. — O Chefe do Estado, o governo e os membros da Comissão Administrativa do Município de Lisboa, no edifício dos Paços do Concelho, na apresentação de cumprimentos do poder executivo à Câmara Municipal, no dia primeiro do ano



ANIVERSÁRIO DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS». — O sr. Ranjel de Lima, o mais antigo redactor do «Diário de Notícias», lendo o seu discurso, junto ao monumento de Eduardo Coelho, um dos fundadores do mesmo jornal, no dia 29 de Dezembro, em que passou o 62.º aniversário do conceituado órgão da imprensa portuguesa, ao qual, por esse motivo, apresentamos os nossos cumprimentos



DR. FELICIANO SANTOS

Foi com grande regozijo que todos os que trabalham na redacção desta revista viram ser investido nas funções de director técnico este nosso amigo. Bem conhecido no jornalismo e teatro, teimando sempre em ocultar na sua excessiva modestia, o seu brilhante talento e excepcionais qualidades de trabalho, é também um espírito de invulgar cultura. Com a sua prolixe direcção muito beneficiará esta revista, que no desejo de todos que nela trabalham deverá melhorar sempre de número para número. Do seu esforço e talento muito poderão esperar os amigos da *Ilustração*.

ACTUALIDADES



«O Caso do Dia» — Uma scena desta peça, original do Dr. Ramada Curto, que actualmente se representa no Teatro de Ginásio, com grande êxito. Amélia Rey Colaço tem, no papel de Carmen, uma das suas melhores criações artísticas. A nossa gravura representa os artistas Robles Monteiro, Amélia Rey Colaço e Leonor de Fça, que nesta obra vinco-duma forma notável as suas aptidões scenicas, já anteriormente affirmadas com inegável brilho.



SOCIEDADE ESTORIL. — Assistência ao almoço oferecido ao governo e á imprensa, no Estoril, por occasião da reabertura ao público dos serviços de viação eléctrica na linha de Cascaes, importante melhoramento que, por motivos de força maior, estava suspenso desde o verão

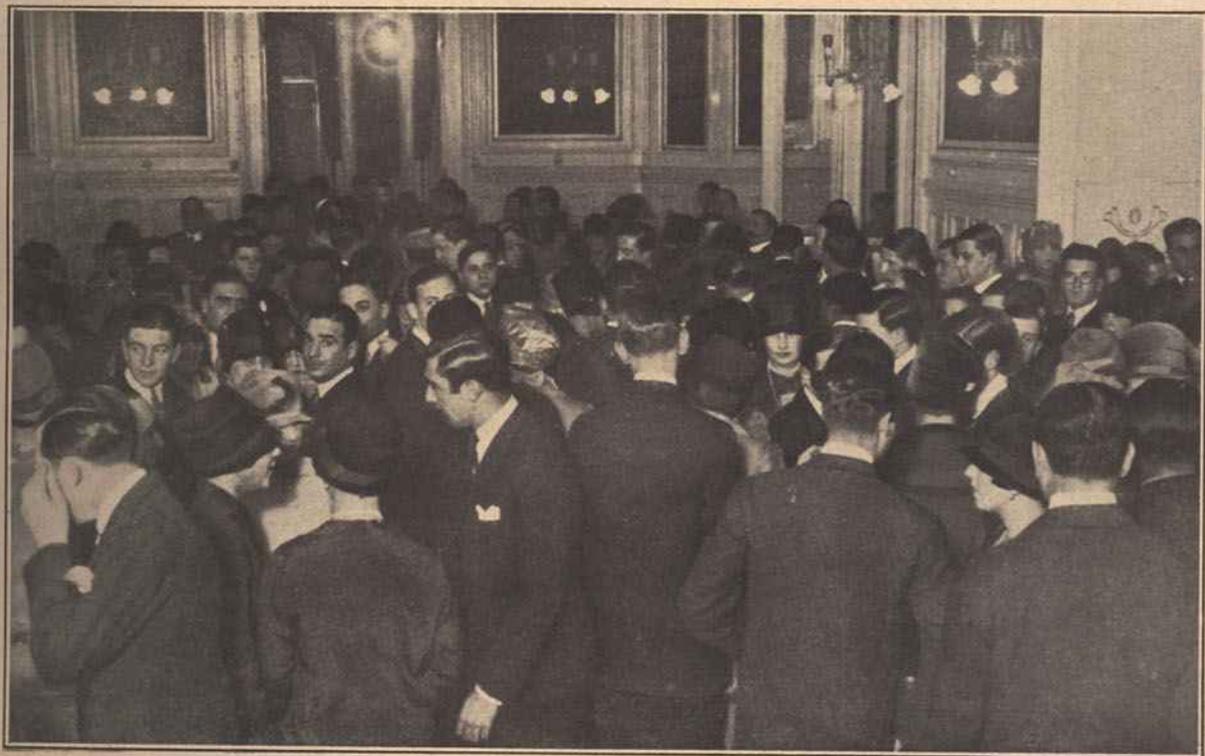


ADALBERTO VEIGA — O sr. Adalberto Veiga, funcionário superior dos Correios e Telégrafos, prestou ao commercio do livro e ás letras portuguezas, no Congresso de Estocolmo, um inestimável serviço, apresentando as buxas sobre que pôde ser negociada a recente convenção postal e literária entre Portugal e Brasil.

# SOCIEDADE ELEGANTE



Aspecto do *revellon*, no restaurante «A Garrett», na noite de 31 de Dezembro



Chá de caridade, realizado no Avenida Palace, na tarde do dia de Reis e promovido por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor da instituição «Florinhas da Rua»

SOCIEDADE ELEGANTE



Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se no dia 5 do corrente o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Celeste Elvira de Sousa Faria com o sr. Acácio Média da Silva



No dia 30 de Dezembro findo realizou-se, na residência do sr. Conde de Almarão, o casamento de sua filha, sr.<sup>a</sup> D. Maria Leonor da Fonseca Magalhães da Costa e Silva (Almarão), com o distinto engenheiro, sr. Albino Neves da Costa



Na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se, no dia 27 de Dezembro último, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Regina Dulce Garraz Chalber com o sr. Mario Ravazzini Quelrós Santos



Na igreja de Santa Clara, do Porto, realizou-se, no dia 1 do corrente, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Judite de Azevedo com o sr. Alberto Marques Aguiar, sendo celebrante o sr. bispo-coadjutor de Lamãgo



Visita dos srs. ministros do Comércio, da Guerra e da Instrução à fábrica da Vista Alegre. — Artistas dos teatros Agua d'Onro e Sá da Bandeira, do Porto, que no dia de Natal, no sanatório Rodrigues Semide, exibiram vários números de canto e recitação na presença dos internados



No paço episcopal portuense foi distribuído, no dia de Natal, um bodo aos pobres, vendo-se, à esquerda, o sr. Bispo do Porto, com alguns contemplados e à direita as senhoras e cavalheiros que fizeram a distribuição

O foot-ball da capital obteve mais uma brilhante vitória marcando nitidamente a sua superioridade sobre o grupo representativo do Porto.

O desafio realizou-se este ano no Porto, no magnífico campo do Ameal, tendo o grupo lisboeta triunfado pelo elevado score de 6 bolas a 1 e perante a maior assistência que até hoje se tem registado em desafios realizados na capital do Norte.

Lisboa venceu brilhantemente e ainda que, o número de bolas não traduza bem a superioridade dos jogadores lisboetas, a vitória alcançada foi absolutamente nitida e justa. Os seleccionadores devem estar satisfeitos do trabalho do nosso onze pois que, se bem que a técnica do foot-ball que produziram não fôsse perfeita, houve contudo bastante equilíbrio, ligação e conjunto entre as diferentes linhas do «team». Outro factor que quanto a nós muito influuiu na vitória obtida, foi a melhor constituição física dos jogadores de Lisboa, que neste ponto suplantaram nitidamente os seus adversários.



A selecção de Lisboa, vencedora do encontro



Uma colossal saída de Siska evita um remate quasi certo de Severo

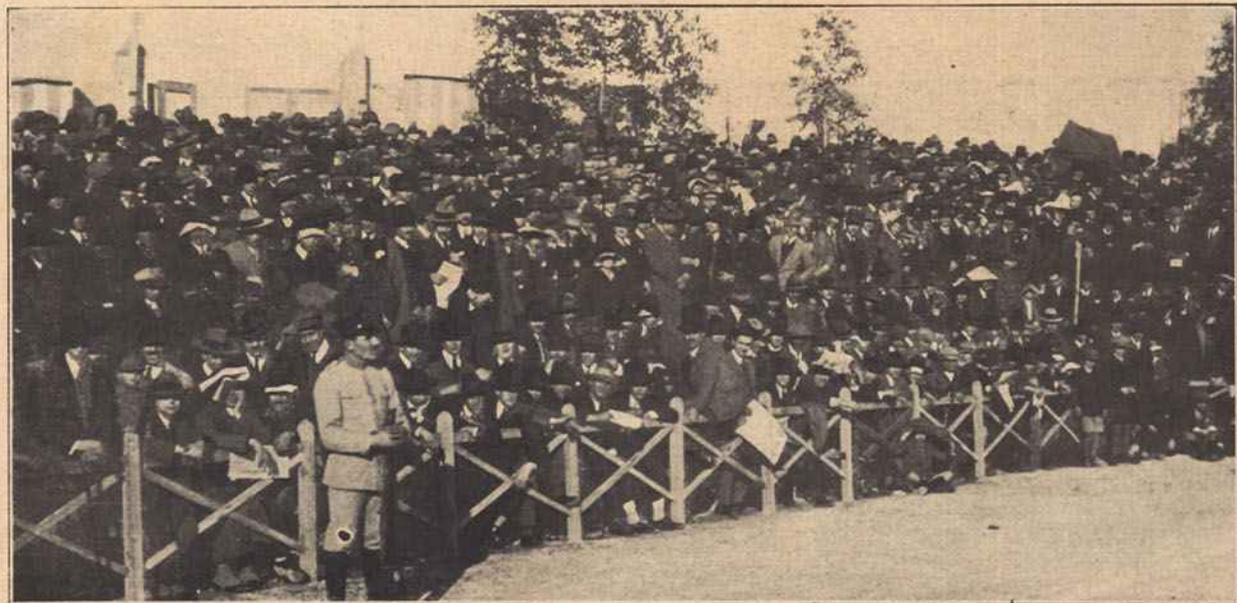
Apreciando o encontro pode-se dizer que o primeiro tempo foi de sensível equilíbrio, a pesar de ter terminado com o resultado de 4 bolas a 1 a favor de Lisboa; o segundo tempo porém foi de absoluto dominio do onze da capital e se o número de bolas marcadas foi apenas de 2, isto deve-se em parte à infelicidade com que jogaram e sobretudo à falta de remate que ainda existe na nossa linha de avançados.

A nossa linha de médios foi mais uma vez o ponto forte do team, defendendo bem e ajudando muito os avançados. A defesa jogou bem sendo Pinho o melhor dos três.

Esperavamos muito mais do jogo dos portuenses, tanto mais que eles eram os primeiros a julgarem a sua superioridade, no que aliás em parte tinham razão.

O seu foot-ball, foi para nós uma verdadeira desilusão, sobretudo no ataque, onde não existia um único jogador que soubesse «shootar»; isto foi quanto a nós a causa da grande derrota que sofreram.

O publico foi correcto aplaudindo, mas como aliás é natural, as jogadas dos jogadores portuenses. Apraz-nos registar aqui este facto, tanto mais que somos grandes partidários dos encontros inter-regionais, que a nosso ver contribuem grandemente para o desenvolvimento do foot-ball, concorrendo também muito para o seu aperfeiçoamento.



Um aspecto da numerosa assistência



GREGÓRIO e CRISTOVÃO LOPES

Aparição de Cristo à Virgem

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

# PELO MUNDO FORA



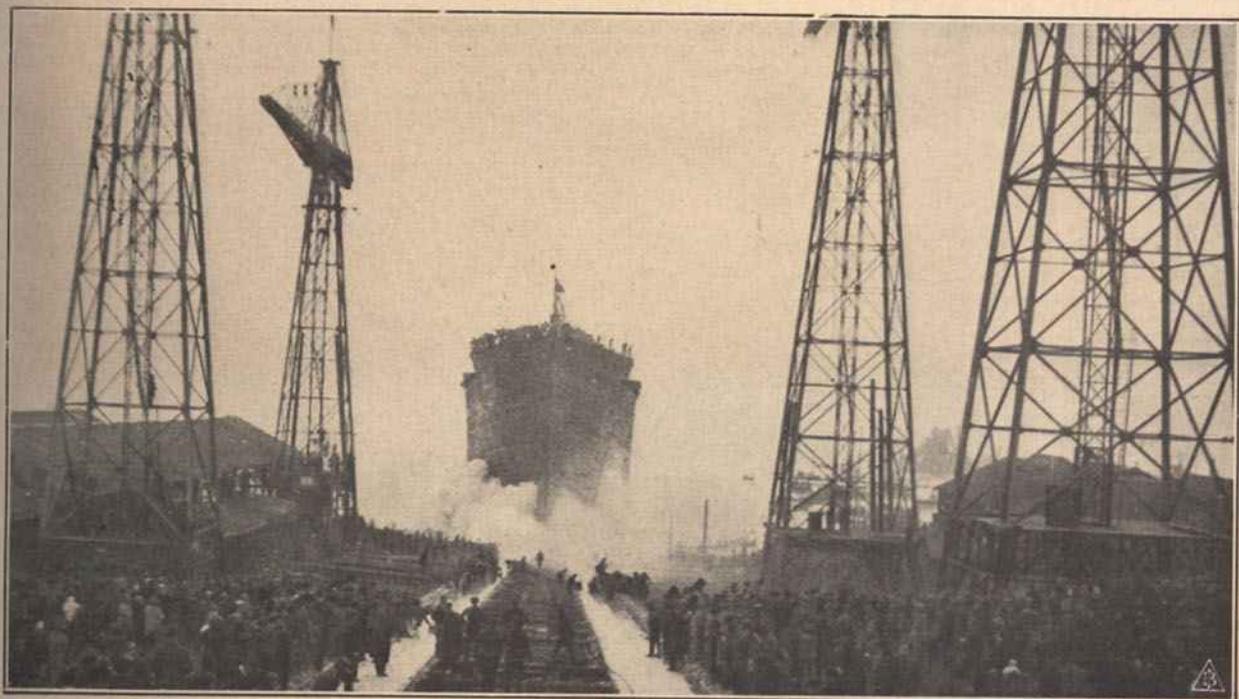
GÊNEBRA — Um curioso aspecto de tempestade no lago de Genebra



PARIS — O Natal no Eliseu. O presidente da República conversando com as crianças durante o lunch que lhes foi oferecido pelo Natal



PARIS — O Natal na Câmara Municipal. A árvore do Natal e algumas das crianças contempladas com brinquedos pelo Conselho Municipal



ITALIA — Lançamento ao mar do navio da marinha mercante italiana «Augustus» do tipo do «Roma», realizado em Sestri Ponente

(Foto ENIT)

## A ARTE DA DECORAÇÃO

## O GABINETE DE TRABALHO



nada pela luz da janela, está a mesa de trabalho. O canto formado pela biblioteca, é cortado com um pequeno sofá. Na parede fronteiria ao fogão vê-se um largo divan coberto com uma colcha de seda e atulhado de almofadas. Nas paredes forradas com papel lizo, pendem verticalmente grossos cordões de seda suspendendo quadros pintados a óleo e gravuras artísticas.

Menos coquette, mas não menos elegante, é o que vemos representado na gravura inferior. A biblioteca também em forma de lambris, a mesa de trabalho, a arca que se encosta a esta, e ainda os dois cofres que ladeiam a chaminé onde o radiador eléctrico fica originalmente encoberto sob uma alta franja de contas de vidro multicôres, parecem formar uma só peça. As duas prateleiras altas albergam alguns *biblots* artísticos. Neste gabinete, como no precedente, as portas ficam livres, sem reposteiros. Apenas no canto oposto, representado na pequena gravura ao alto da página, as paredes e as portas ficam veladas sob fartos reposteiros de veludo ou damasco que fazem fundo a uma segunda mesa de trabalho perto da qual se encontram dois mapas e uma cadeira. Altos cortinados de tule, algumas carpetes, peles de tigre e almofadas dispersas pelo chão completam a guarnição d'este elegante gabinete de trabalho.



O escritor, mais ainda do que o homem de ciências ou de negócios, carece de rodear-se dum ambiente estético propício à fecundidade e expansão das suas ideias de arte, à evolução do seu espirito, à ginástica da sua imaginação.

É certo que alguns escritores e poetas, talentos vagabundos, imaginações boémias, irrequeitadas, enfiérmias duma eterna insaciabilidade, dum constante mal-estar, fogem sistematicamente do meio tranquilo onde a concentração se aninha, para buscarem o tumulto dos cafés e ali, sobre a mesa estranha, glacial, onde todos os cotovêlos se apotam, sob e pêso do tédio, da boçalidade, ou da ligeira envolvente, criam e modelam as suas obras literárias e poéticas.

estes, porém, são excepções que, por isso mesmo não formam regra, e cujas obras se ressentem, quasi sempre, da atmosfera em que foram geradas.

A grande maioria dos homens que trabalham intellectualmente, precisam de se isolar num recinto onde a sua alma possa vibrar e o seu cérebro receber livremente, serenamente, o influxo da inspiração.

É assim que todos os espiritos sedentos de praticar a arte pela arte, de atingirem um perfeito ideal de beleza, procuram quanto possível criar à sua volta uma atmosfera harmonica, equilibrada com a sua sensibilidade e a sua psicologia.

É assim, que fugindo quanto possível a influências estranhas que, embora interessadas em auxiliá-lo na tarefa da instalação do seu gabinete de trabalho, só muito excepcionalmente poderão sentir as suas necessidades estéticas, o escritor deve presidir à decoração do compartimento onde decorrerá a parte mais agradável da sua vida, onde o seu espirito colherá, a par das mais exaustivas fadigas, as mais gratas alegrias.

Estabelecido, pois, que um gabi-

nete de trabalho deve, antes de mais nada, preparar ambiente favorável à inspiração e à concentração do espirito, segundo as exigências psicológicas e intellectuais, daquele que o deve habitar, vejamos para exemplo, os três gabinetes de trabalho representados nas gravuras que ilustram esta página.

O primeiro, desprezando uma excessiva severidade de conjunto, mostra-nos uma disposição graciosa de *maples* modernos, de compridas bibliotecas baixas, formando lambris cortados pelo fogão de mármore, sobre o qual se ergue um belo quadro. Ao lado, francemente illumi-



## D I N A M E N E

## A B E M - A M A D A D E C A M Õ E S

Guilherme Storck, o mestre camonista alemão a quem se devem os mais valiosos estudos acêrca de Camões, publicados antes dos do Dr. José Maria Rodrigues, pesquisou, com método germânico, os nomes das mulheres cantadas pelo Poeta e achou, — fora os de convenção poética, como as Alcidas, as Galateas, — dezoito. Não incluiu, porém nesse copioso rol de amor, o nome da que foi em verdade a Bem-Amada de Camões, aquela que ele celebrou nos seus mais comovidos e sinceros versos, em suma: a *alma minha gentil* do soneto celeberrimo. E que na época em que o sábio alemão trabalhava, a sombra gentilíssima da Bem-Amada de Camões não havia tomado o corpo que decisivamente lhe vieram a dar os achados contemporâneos, nem os documentos tinham confirmado a tradição que, aliás, através do tempo se mantivera. Foi,

intuição foram plenamente confirmadas com o achado, em 1917, de um códice manuscrito da *Década oitava* de Diogo do Couto, existente na Biblioteca Pública do Porto. Ai se refere: *vindo (o navio) de lá (da China) se foi perder na costa de Sião, onde se salvaram, todos despidos, e o Camões por dita se salvou com as suas «Lusiadas»... e ai se lhe afogou uma moça china que traçia, muito formosa, com que vinha embarcado e muito obrigado, e em terra fez sonetos à sua morte, em que entrou aquele que dizia: «Alma minha gentil».* Depois d'êste documento, a gentilíssima sombra mudou-se em adorável criatura. Dinamene ascendeu ao Paraíso poético das musas benéficas e imortais.

De certo foi ela a propícia e sempre suave consoladora do grande desterrado e perseguido.

E, de certo também, a mais cruel dor de Luís de Camões teria sido a perdição, no naufrágio trágico, dessa rapariga, amantíssima ao jeito das Orientais, — porventura a única mulher que o amou e lhe foi querida companheira, amorosa e amiga. Inclui o Dr. Afrânio Peixoto, no seu belo estudo, quarenta e quatro poesias de Camões, às quais chamou o *Poema de Dinamene*, e em cuja inspiração o eminente camonista brasileiro entreve o amor do Poeta à verdadeira Bem-Amada. Poema de supremo amor, e amavelmente ordenado, todos os portugueses cultos o hão de sentir e amar. Por nos chegar de além do Atlântico, demonstra também a persistência da encantação que a Poesia de Camões continua a derramar ao perto e ao longe, unida como se acha à própria vida da Nação e ao ritmo da linguagem. Aos estudos eruditíssimos do prof.

José Maria Rodrigues, às edições beneméritas do Dr. Agostinho de Campos, nas quais os textos de Camões lírico se estampam com prudência e elucidação novas, os ensaios camonianos do Dr. Afrânio Peixoto respondem no Brasil com valoroso e fecundo ardor. No *Poema de Dinamene* se encontram, comentados, os mais formosos e ternos sonetos de Camões. O sentimento que os inspira é bem diverso da galantaria do antigo cortejo de Lisboa, como diverso é também da virtuosidade literária do Renascimento. É o puro, vivíssimo sentimento do Amor e da Dor. O soneto que segue, e que para o Dr. Afrânio Peixoto representa o *mais comovido soneto camoniano*, recordará aos nossos leitores, já agora palpitante na sua sagrada simbolização de Bem-Amada do Poeta, a Dinamene, *alma gentil* e corpo de *peregrina formosura*:

Quando de minhas mãos a com-  
[prida  
Maginação os olhos me adormece,  
Em sonhos aquela alma me apare-  
[ce,  
Que para mim foi sonho nesta vida.

Lá numa solidão, onde estendida  
A vista por o campo desfalece,  
Corro após ela; e ela então parece  
Que mais de mim se alonga, com-  
[pelida.

Brado: Não me fuja, sombra be-  
[nina!  
Ela (os olhos em mim com brande  
[pejo,  
Como quem diz que já não pode  
[ser.

Torna a fugir-me; torno a bradar:  
[«Dina»...  
E antes que diga: «mene», acordo  
[o veio  
Que nem um breve engano posso ter.



TIPO DE BELEZA CHINA  
(Reproduzido do livro do Dr. Afrânio Peixoto)

Dinamene: eis aqui o nome, convencional ou adaptado do oriental, da mulher bela, tão doce e tão amante, que foi para Camões a *cordeira gentil*, a *minha*, a *perpétua saúde da minha alma*...

Era chinesa. Mas o sobresalto que as convenções ocidentais semelhante revelação poderia causar, tranquiliza-o o retrato que acompanha esta notícia: Dinamene seria acaso tanto ou mais formosa do que essa moça china de sangue mesclado. Acentua o Dr. Afrânio Peixoto que ainda neste ponto Camões foi precursor. É Dinamene, com efeito, a ascendente, mas com encanto real e não meramente livresco, de *Madame Chrysanthème* e da *Butterfly*. Três séculos antes de Chateaubriand, de Baudelaire, de Lafcadio Hearn ou Loti, o Poeta Lusitano gozou, sofreu e cantou a delícia e a tortura do Amor Exótico. E não somente com *Barbara escrava* — essa sensual e passageira galantaria — mas com uma mulher que lhe mereceu paixão acesa e fundíssima ternura.

Já Faria e Sousa conta que lera à margem do soneto *Alma minha gentil* uma nota do antigo dono do exemplar, a qual dizia: *Escribiolo a sua Dama que se murio en el mar*. Com luminosa intuição, o Dr. José Maria Rodrigues atribuiu êsses versos à inspiração de uma *estonteadora formosura oriental, que tão profunda revolução causara na alma do apaixonado*. Ora, tradição e

# A MULHER NAS ÓPERAS DE WAGNER

A Mulher na dramaturgia wagneriana é um dos aspectos mais estranhos da obra magistral do Gênio de Bayreuth.

O misticismo musical de todas as produções de Ricardo Wagner, agora, pode-se dizer, o *Tristão e Isolda*, atinge uma simplicidade de grandeza lírico-filosófica que em nenhum outro compositor se descobre. Para servir esse misticismo raro, umas vezes frio como um escalpelo, outras vezes ardente como uma língua de fogo, o autor do *Tannhäuser* lançou, quase exclusivamente, mão da mulher, trazendo-a à scena com toda a verdade da sua compleição amorosa, com todo o vigor do seu temperamento vário em que há fraquezas inatas, mas onde também afloram e se consomem energias e vontades sólidas de sentido, incorruptíveis de realização. A filosofia musical de Wagner, que ele transporta genialmente da sua prosa para os seus dramas líricos, roça a transcendência quando a Mulher se lhe depura através das suas formosíssimas concepções dramático-musicais. A Mulher que, em muitos casos, parece um simples e inofensivo incidente na sua obra, transmuta-se em rápida ascensão de força psíquica, no motivo principal, dominante, das suas óperas. Wagner não adocica os seus tipos femininos, não os veste de feminalidades frágeis, doentias, em que a Mulher-Matéria subalternise a Mulher-Alma. As heroínas da longa série das óperas italianas desde o assomo dramático da ópera cômica da época de setecentos até aos mestres consagrados do século dezanove, estão quasi todas evadidas dum romantismo piegas. Não há nelas um traço de beleza moral que as demarque numa orientação divergente do conceito fundamental do espírito maleável da mulher, amorável por condição e amorosa por fatalismo. As protagonistas das óperas do período fecundo do «bel canto» não são espiritualizadas, não se movem pela inteligência; é só o instinto que as anima. Figuras de romance, unicamente *femeas*, os seus maiores

sacrifícios não comovem, as suas acções de mais valor resultam frouxas. Falta-lhes o sôpro bendito da consciência emotiva; não as rodeia, não as ilumina o nimbo da beleza moral.

São pouco mais do que manequins articulados. Por isso, também, a ópera antiga surge-nos fria, hirta de intensidade dramática. Não há calor de interpretação que aqueça. Tudo se confinou no efeito lírico. Domina só o canto, falece a directriz dramática.

Wagner criando o drama musical, criou também uma galeria extraordinária de mulheres. Eleitas do Sentimento, tipos inconfundíveis de emotivo místico que hão de ficar como um friso feminino dos mais elevados de expressão moral, a fisionomia de Sonho

que as caracteriza, enraiza-se numa evocação de lenda, integra-se num ambiente de misticismo que só o signo lírico de Wagner saberia emoldurar e tracejar com a poderosa inspiração da sua música, sintética de descriptivo, singularmente persuasiva de desenho melódico e de dinâmica orquestral. As heroínas das óperas de Wagner são verdadeiros símbolos femininos. As que não são inteiramente perfeitas na contextura moral transfiguram-se e acabam alçando-se à quasi divinização. Dá-se isso com esse carácter sombrio que é a Kundry do *Parsifal*. Mas, mesmo essa, era necessária à filosofia wagneriana para pôr em confronto a diabólica usurpação do vaso sagrado do Graal, com a áncia de evangelização do rude

crystalização sôfrega do pecado da curiosidade sobre o amor. Mas, o triunfo do misticismo de Lohengrin imprime à mulher a cor puríssima do arrependimento e sagra-a de Beleza.

A Brünhilda, da *Tetralogia*, vivacíssima índole de mulher, mixto de ardor guerreiro e de vibração ultra-terrena, alcandora-se a páramos de visão de lenda longínqua, que prende a materialidade da vida à olegância do Desconhecido!

Em Isolda parece que o influxo místico a tocou de maior fugacidade. Puro engano. O filtro tocado, espécie de aviso, que leva à experiência do amor terreno, é como que a narcotização da própria vida para os embates grosseiros do coração com a dor da paixão arrebatada, demasiado animal. Wagner em Elsa como em Isolda, em Brünhilda como em Kundry despoja a Mulher das contingências materiais do amor, para que ela possa ser sublimada pela pureza, estrangulando o ímpeto brutal dos sentidos!

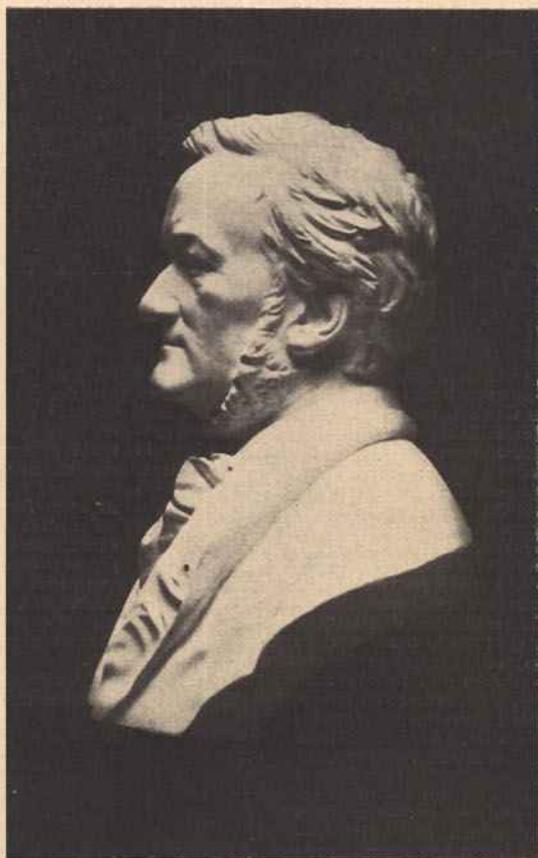
Kundry mal sente o bufo do amor, amor oculto que lhe dá a sedução e que ela não explica; Elsa deixa fugir da sua vida o amor, perde-o quando melhor o desejaria possuir; Brünhilda assiste ao ocaso dos deuses do Walhalla e à morte do seu herói o moço Sigfried; Isolda acalenta o amor que a ilusão criou e caiu quasi pura quando Tristão deixou gotejar o último sangue.

Mas, todas elas, heroínas, quasi santas, a tocar o Sonho, ascenderam à Beleza moral, ou pela redenção ou pelo sacrifício!

Wagner apostolo do ritmo, estranho animador das notas musicais, deixou, através da sua obra imortal, tipos suaves de mulheres, galeria imperecível de corações cujos nomes a dramaturgia musical há de repetir para sempre, porque hoje pertencem, talvez, mais à lenda do que à vida pagã!

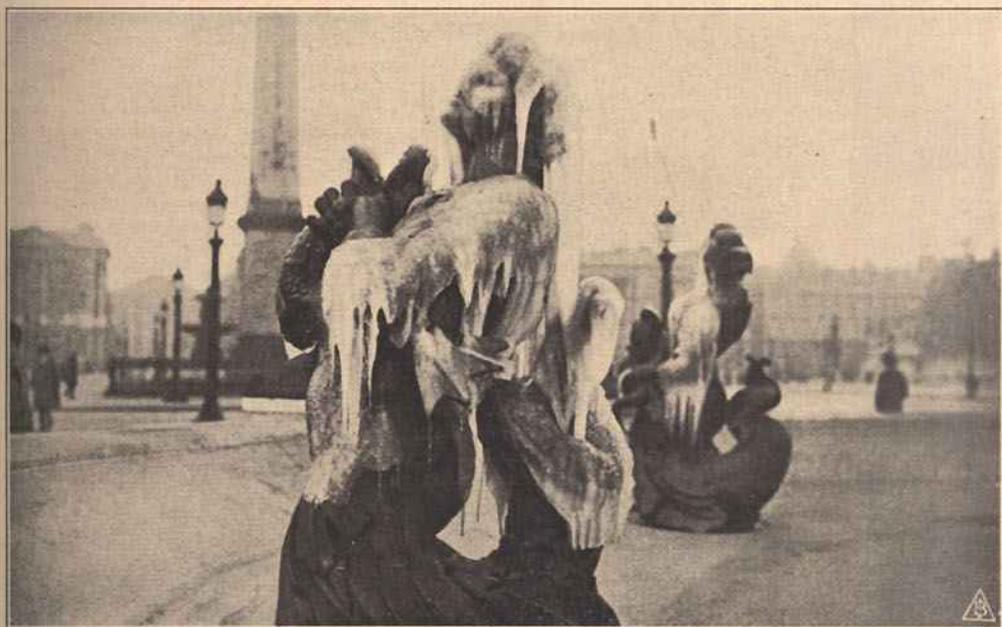
Elsa é a

NOGUEIRA DE BRITO.



Uma scena de «Tristão e Isolda»

# O FRIO E A ELEGÂNCIA EM PARIS



*Em cima:* O lago de Versailles, gelando, proporcionou à elegância parisiense um motivo de galante exibição e às crianças um divertimento muito interessante. —  *Ao centro:* As senhas dos lagos da Praça da Concorde vestem um manto de gelo que tem a graça subtil das criações da moda parisiense. —  *Em baixo:* Dois patinadores consumados e uma patinadora que ensala os seus primeiros passos



# A ATMOSFERA E A CIVILIZAÇÃO

A nossa vida de povos civilizados assenta principalmente no consumo de carvão mineral, com o qual obtemos o gás calorífico e iluminante, a energia eléctrica e uma grande quantidade de produtos de emprêgo precioso em várias indústrias. A destilação ou a combustão da hulha enche-nos a atmosfera de fumos de composição complexa, pois que neles existem, além de mínimas partículas de carvão, muitas outras substâncias, algumas irritantes, como os ácidos, ou-

Marne tratadas pelo cloro, como aqui, em Lisboa, se tem feito, para realizar a sua esterilização.

A chuva limpa a atmosfera das poeiras que a inquinam, podendo dizer-se que ela arrasta as poeiras, mas, por seu lado, as poeiras provocam a chuva. Quando baixa a pressão atmosférica, o vapor de água condensa-se em tórno das partículas suspensas no ar, e a chuva que se forma arrasta estas na queda.

a pressão, aquele vapor condensava-se e formava-se uma névoa dentro do frasco. Succedeu, porém, que, trabalhando com ar filtrado cuidadosamente, ar sem poeiras, aquela névoa se não formava.

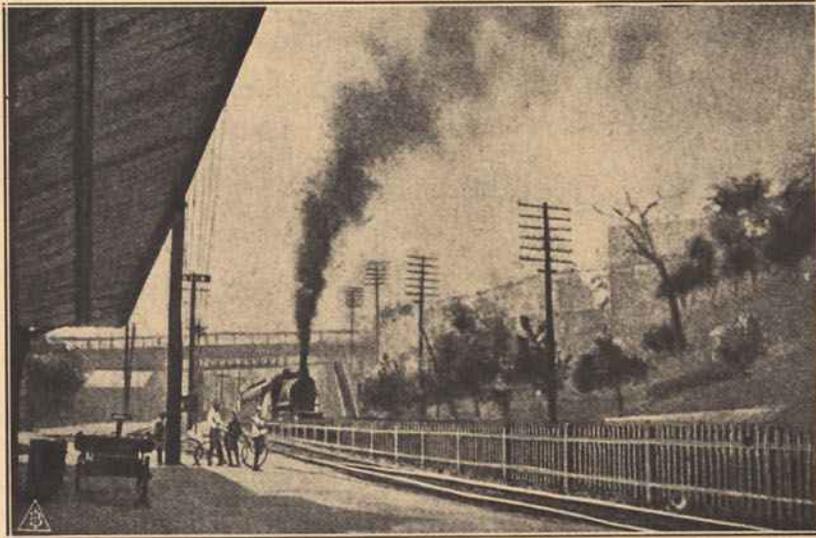
Esta velha experiência foi lembrada quando se quis calcular a riqueza de poeiras existente na atmosfera de vários locais. Pois que o vapor de água se condensa em tórno dessas poeiras e a chuva arrasta estas últimas, recolhendo as águas da chuva durante um mês, por exemplo, tem-se uma quantidade de poeiras, no depósito que se forma, correspondente à que vicia a atmosfera do local respectivo. Assim se alcançaram números que bem revelam a intensidade de viciação do ar pelos fumos das fábricas. Por exemplo, a experiência feita em Paris, no terraço do «Palais Royal», deu 12 gramas de poeiras por metro quadrado de superfície; numa região onde se amontoam fábricas deu 1.592 gramas.

Devo acrescentar que o vapor de água não se condensa unicamente em tórno das poeiras, mas também produz essa condensação a electrização das moléculas ou átomos. As radiações, os agentes, enfim, que electrizam as moléculas gasosas podem ser determinantes da chuva.

Mas não importa isso para o caso. O que verdadeiramente interessa é certificarmos-nos da nocividade dos fumos atmosféricos, já pela doenças que directa ou indirectamente podem causar, já por nos esconderem a luz do Sol, prejudicando a nítida visão dos objectos, tão necessária, por exemplo, aos aviadores que pretendem tomar terra. E sendo assim, devemos proceder por forma a libertar a atmosfera desses fumos.

Para esse fim foi proposta a chamada filtração eléctrica do ar, parecendo, porém, que é muito mais simples e económico processo o aproveitamento do carvão ao sair das minas. Aí se iria queimado ou destilado, e os produtos, fossem gás, electricidade ou substâncias químicas, levados para os locais de consumo. Dêste modo ficariam libertas de fumos as grandes aglomerações urbanas.

F. MIRA.



As locomotivas constituem a mais importante origem dos fumos que viciam a atmosfera das cidades

tras inertes mas podendo ser veículo de diversos micróbios. Esses fumos, essas poeiras, penetram nos nossos brônquios e pulmões, corroem, irritam, inflamam as superfícies mucosas e tornam estas susceptíveis de contrair infecções várias. Assim paga o homem os benefícios da civilização com prejuizos sensíveis da sua saúde.

Uma das principais origens dos fumos atmosféricos que cobrem as grandes cidades existe nas estações de caminho de ferro, onde lançam fumo não sómente as locomotivas que chegam ou que partem, mas as que permanecem durante tempo bastante a fazer vapor, isto é, a criar pressão com que possam pôr-se em marcha. Mas é nas regiões de intensa indústria, principalmente em volta das fábricas, que a atmosfera se carrega de fumos a ponto de ficar consideravelmente diminuída a sua luminosidade, como que formando um nevoeiro local cercado duma atmosfera brilhante de céu limpo.

Quando se queimam carvões em que há enxofre, realiza-se uma especial condensação de vapor. Não é porque o produto da combustão dêsse enxofre, o anidrido sulfuroso, não seja um gás transparente; mas se na atmosfera existe amoníaco, embora em quantidade diminutíssima, o que é comum, logo o anidrido sulfuroso se condensa em fumos esbranquiçados. Também na atmosfera das cidades existe o fenol, e este, na diluição de 1 para 1.000.000, basta para dar à água um gosto insuportável a iodofórmio. Afirmam os franceses que aquele fenol vindo dos fumos atmosféricos se deve o sabor a iodofórmio que tem, por vezes, as águas do Sena e do

Courlier tinha demonstrado esta doutrina por meio de uma curiosa experiência. Servia-se de um simples vaso com água, onde podia fazer variar a pressão do ar comprimindo ou deixando distender uma pêra de borracha comunicante com o frasco. Comprimindo o ar, produzia calor que reduzia alguma água ao estado de vapor; deixando arrefecer e diminuindo seguidamente



A atmosfera que envolve uma fábrica metalúrgica de Pittsburgo, quando o céu está limpo de nuvens

# FEMININA

## NO CAMPO DA ELEGÂNCIA

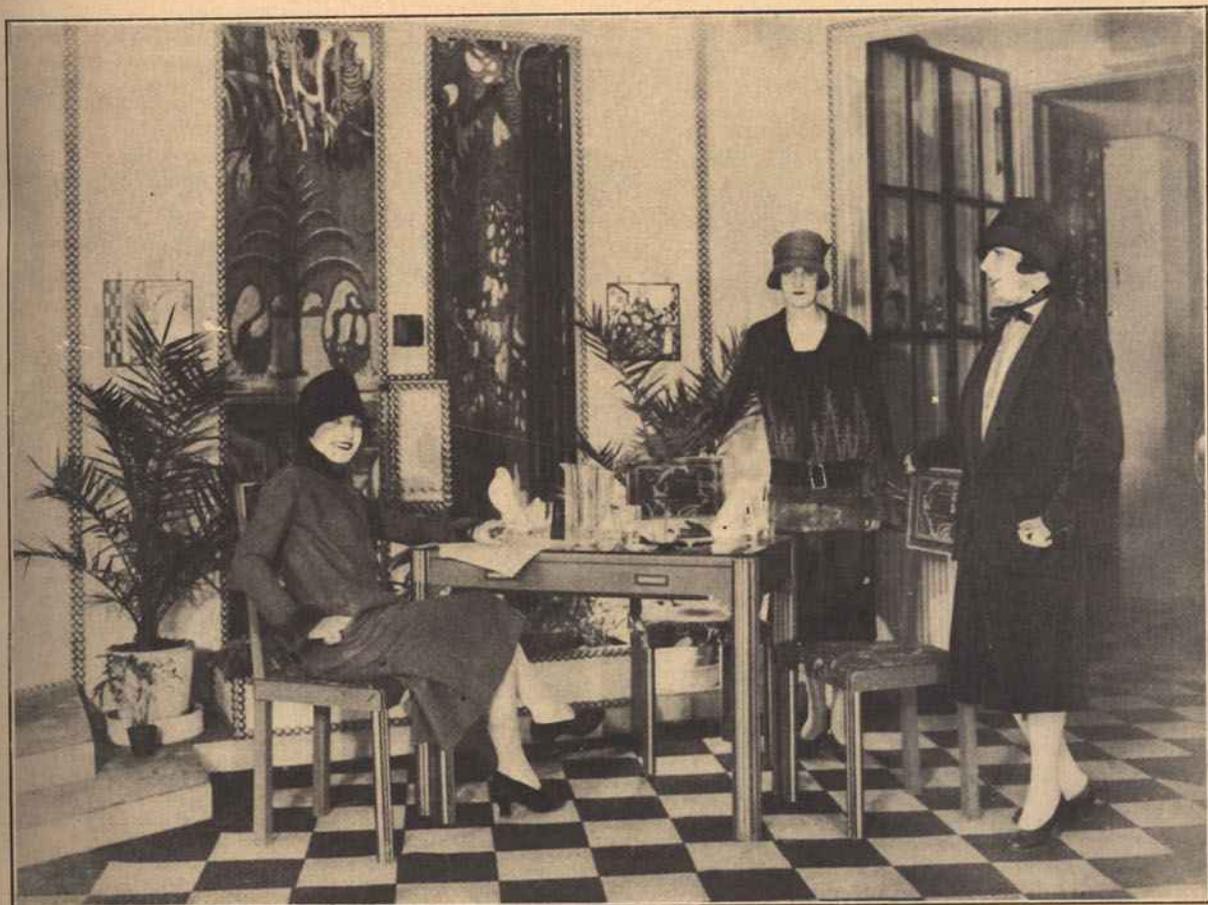
A moda atravessa mais um período de expectativa. Está dito e conhecido tudo quanto se criou para o inverno e, por mais que a indiscrição queira forçar a barreira do segredo por detrás da qual a moda entrincheirou os seus propósitos para a próxima primavera, o que é certo é que por enquanto nada de positivo se pode revelar.

Fala-se, é certo, em nova tentativa dos costureiros, para um sensível alongamento das saias. Nas últimas colecções apresentadas à curiosidade sempre insatisfeita da *coquetterie* feminina, figuram alguns modelos francamente compridos, quasi tocando o tornozelo. Mas o contraste desses modelos com os outros deliberadamente curtos, é tão desagradável, que não é de prever um êxito ao intento de voltar às saias compridas.

Para a rua, visitas, chás, etc., o *smoking* de veludo combinado com saia igual ou de crepe da China, continua em vivo sucesso. Compreende-se: é chic, impressionantemente distinto na sobriedade inteligente da linha...

O veludo tem este ano grandes simpatias do seu lado. Grande número das *toilettes* de tarde são feitas com esse belo tecido, sempre elegante e distinto entre todos.

Outro elemento de *toilette* que não parece decidido a perder a voga, é o chapéu de feltro que cada vez se vê mais, trabalhado, é certo, com excepcional capricho, mas sempre marcando um cunho de *chic* crêdor da maior simpatia.





Admiráveis estas manhãs de Maio, claras e luminosas, com uma aragem leve e fresca, agitando docemente as folhas novas das árvores.

No acordar preguiçoso da cidade apetece louvar a vida, que se comunga tãda num perfume ou num sorriso que passa... É tudo um perfume ou um sorriso nestas manhãs de Maio, em que o céu é tão azul e a terra tão verde, que não há alma, com certeza, por mais pecadora, que não regresses ao Paraíso.

Saldades? Tristezas? Dúvidas? Remorsos? Pode lá ser! Nestas manhãs de Maio até a desgraça é feliz!

Meu Deus! Meu Deus! Se isto fôsse verdade!

Vou contar-vos uma história triste, muito triste, embora ela se passe numa manhã de Maio. É a história de uma pobre mãe que tinha dois garotos. Nada mais simples, mais humano. Querem vocês ouvir?

Chamava-se Rita, Rita das Neves, e vivia com os filhos numa barraca de madeira, junto à linha. Há dois anos que ali vivia — e ainda lhe punham medo os silvos das locomotivas, altas horas da noite, com os campos em redor adormecidos, e aquelas máquinas medonhas, cheias de fogo e de fumo, correndo, à desgarrada, para o mundo. A morte! As vezes pensava na morte, e suores muito frios pareciam gelá-la tãda.

De vez em quando as crianças acordavam com o barulho na linha. Riscava um fósforo, acendia uma vela e ficava a olhá-los, longo tempo, até que, de novo, o silêncio descia, e eles voltavam a adormecer, muito rosados e loiros, no desalinho enxovalhado das suas mantas escuras.

Vivia ali desde que o marido lhe morrera.

Com as últimas economias que lhe tinham sobrado da doença, comprou aquela barraca, onde, no inverno, a chuva entrava por todos os lados, através das tábuas mal unidas. No verão era o sol que, logo de manhã, entrava a jorros, alegremente, tostando a pele das crianças e fazendo brilhar, mais vivamente, as listras desbotadas dos cobertores. Era uma riqueza, o sol! Dava alegria, saúde! Até trabalhava com mais gosto — e não pensava tanto na morte!

Viera para Lisboa casada de pouco tempo. O marido, um rapagão forte e sadio, trabalhava numa fábrica em Alcântara. Viviam bem, sem aflições de dinheiro, em quarto alugado num quinto andar das Avenidas Novas, prédio que era mesmo uma lindeza, com azulejos e vasos

## BRILHANDO AO SOL

de plantas na escada. O quarto era pequeno — mas como não havia ainda novidade chegava bem para os dois.

A sua surpresa ao chegar à estação do Rocio, numa manhã cinzenta, baça, com uma chuva miudinha nada parecida com as bâtegas de água da sua aldeia transmontana que fustigavam os telhados das casas, fazendo saltar as telhas, ensojavam o colmo das casas mais pobres e levavam, de enxurrada, todo o lixo e estrume das valetas!

Sentada num banco, enquanto o marido ajustava um moço para lhe levar a bagagem, viera-lhe uma vaga saudade de tudo que tinha deixado para trás... A sua aldeia perdida em plena serra, cercada de pinheirais e de soitos; a casa com o alpendre guarnecido de cravos e mangleiros; tãda a parentela, incluindo o sr. abade, seu padrinho, que, no dia do casamento, botou uma fala tão linda que fêz chorar todo o mundo!

Ao sair da estação ficara embasbacada, mesmo maluca de todo! Achava tudo muito bonito, muito grande, muito asseado! Mas um leve receio de se perder entre tanta gente desconhecida fê-la apertar com mais força o braço do companheiro, como que a implorar-lhe que a defendesse, que a não abandonasse nunca. Ele sentia-se importante, muito feliz! Como já tinha estado em Lisboa, de solteiro, achava graça à mulher, muito receosa a seu lado, e sentia ganas de lhe provar num beijo, num beijo muito quente e muito fundo, a eternidade do seu amor. Deixára de chover. Um ventinho frio sacudia ligeiramente as olaias da Avenida de cujas folhas caíam, reluzindo, gótas de chuva, como lágrimas.

O quarto era estucado de amarelo, com cortinados de chita na janela. A cama de ferro muito larga, quasi o ocupava todo. A um canto o lavatório, também de ferro, pintado a branco, e junto da porta uma mesa de pinho, muito envernizada, completavam o resto da mobília.

Ah! como ela fôra feliz naquele quarto e como a sua alma, sem ambições, se deliciava gosando amplamente a tranqüillidade duma existência pacata que os domingos de sol no Campo Grande e Algés iluminavam! Que deliciosos domingos!... Sentados na relva,

com algum amigo que aparecia e se fazia convidado, juntavam alegremente, passando a garrafa de vinho de mão em mão, até que ao cair da tarde regressavam, quasi sempre a pé, muito chegados um ao outro, sentido inconscientemente a vaga tristeza do ardoecer que os envolvia, numa lassidão doce e suave...

Sentada à porta da barraca, vestia os pe-

quenos, ainda tontos de sono, choramingando. E tãdas estas recordações lhe vinham à memória, vivas e frescas, revoando, em volta dela, como bandos de pombas brancas batendo as asas.

O dia começava a aquecer. Brilhavam intencionalmente as frontarias brancas dos prédios. Até os pregões eram mais fortes.

— Bem, vão brincar, mas não fujam para longe...

Os pequenos, doidos como canários soltos, disseram ambos que sim, e partiram.

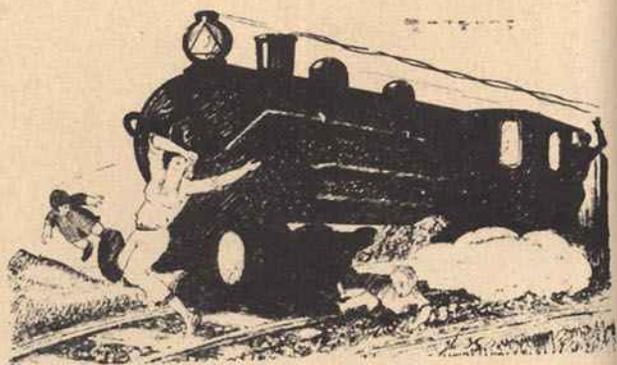
Rita ainda ficou a olhá-los, da porta, uns instantes. Mas era preciso fazer o almoço, e entrou. O lume, que ela deixou tão esperto, tinha-se apagado — e, como era muito supersticiosa, viu nisto logo uma sina escura, um mau prenúncio de desgraça.

Maldita hora em que tinha comprado a barraca. Não sabia bem porquê, mas via-se rodeada sempre de mil perigos, como se os comboios todos, que passavam na linha, trouxessem artes do demónio, na sua velocidade doida, para a tornarem desgraçada. O que ela mais amava no mundo eram os filhos, e o que mais odiava eram os comboios. Havia tantos desastres por causa dos comboios!

Na sua simplicidade ingênua, não compreendia que o mundo seria menos mundo sem a existência daquelas máquinas fumegantes. Acordavam-lhe os filhos, de noite; causavam-lhe medo; eram grandes, muito fortes e muito negras, e por isso odiava-as.

Acendeu, novamente, o lume — e um silvo agudo cortou o ar. Rita correu à porta e gri tou...

Os pequenos, longe, na linha, faziam montes de areia. Outro silvo, outro ainda, e a enorme máquina do rápido apareceu, fumegando.



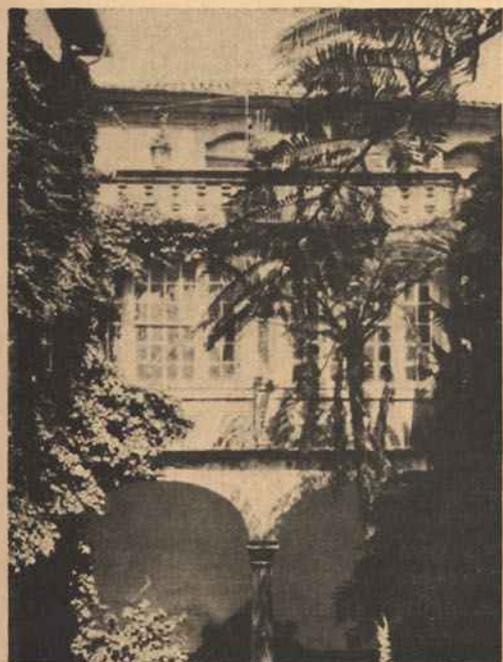
Precipitou-se — e, não tendo tempo para mais, pegou nos filhos, um em cada braço, arremessando-os violentamente para os lados.

O comboio passou, deixando, atrás de si, uma massa ensanguentada e informe, brilhando ao sol.

# A CASA PORTUGUESA

## CASA DOS BISCAINHOS BRAGA

PROPRIEDADE DOS SRS. VISCONDES DE PAÇO DE NESPEREIRA



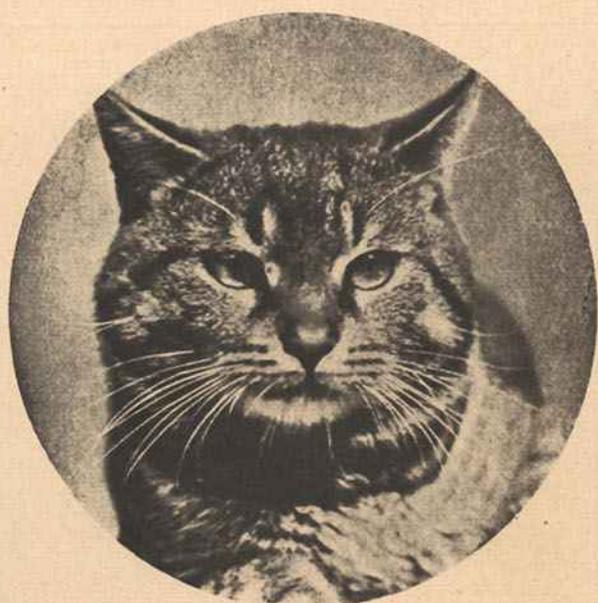
SUM SILENCIOSO PÁTIO INTERIOR DESTES PALACETE, VEMOS A CURIOSA  
ATIANÇA DO RUDE GRANITO PATINADO COM A DELICADÍSSIMA FOLHAGEM  
DE GRANDES FETOS ARBÓREOS



PELO ATRIO DE ENTRADA SE SOBEM A HABITAÇÃO OU SE PASSA DIRECTAMENTE  
AOS ESPLÉNDIDOS JARDINS DE QUE A «ILUSTRAÇÃO» NO SEU PRÓXIMO NÚMERO  
DARÁ ALGUNS ASPECTOS. MUITO ORIGINAL É A GUARDA DE GUERREIROS  
E GENTIS-HOMENS QUE DO ALTO DE SEUS PEDESTAIS DÃO AS BOAS-VINDAS  
A QUEM ENTRA



# TIGRES DE TRAZER POR CASA



está muito descansado, à sombra duma árvore, a comer o seu farnel e a considerar na utilidade dos cães de caça.

Diz-se que o gato não conhece o dono. Não é inteiramente verdade. Conhece-o só quando convém à sua gula de amador de petiscos, mas ignora-o completamente quando, estando amadornado num fauteuil, se não dispõe a ceder o seu lugar ao proprietário da cadeira e mostra os dentes e estende as garras.

No entanto o gato é, numa casa, um elemento de beleza, tenha ele a graça airosa e gaiata dos «Dois patifes», do conto de Fialho ou a solenidade obesa do «Reverendo Bonifácio», velho companheiro das partidas no Ramalhete, dos «Maias».

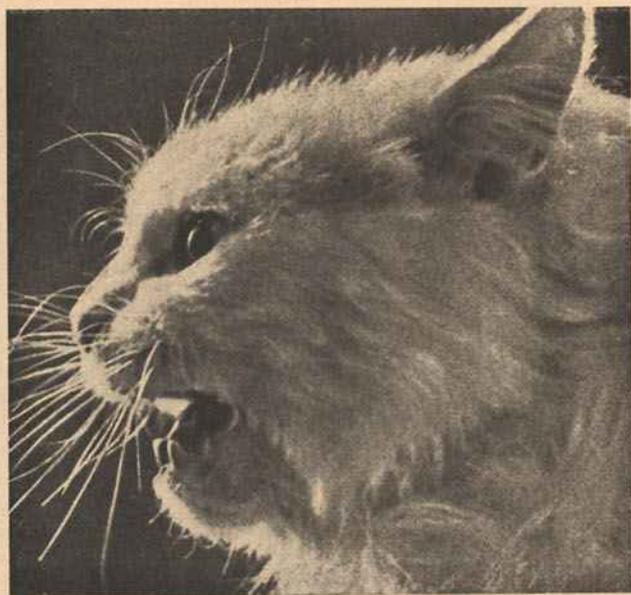
Ninguém se exime, vendo a graça feroz destes focinhos bigodudos, a exclamar: «Que lindo!», mesmo quando o gatarrão, para corresponder ao cumprimento, desenha a sangue na mão, que o afaga, duas linhas paralelas e sinuosas, como rails de caminho de ferro de curvas inumeráveis.

Quantas vezes, olhando, em casa, o gato que boceja e notando-lhe as aguçadas presas, as leitoras não terão pensado: «De que remoto tigre da idade da pedra descenderá este Tareco de fauces ásperas e dente afiado?»

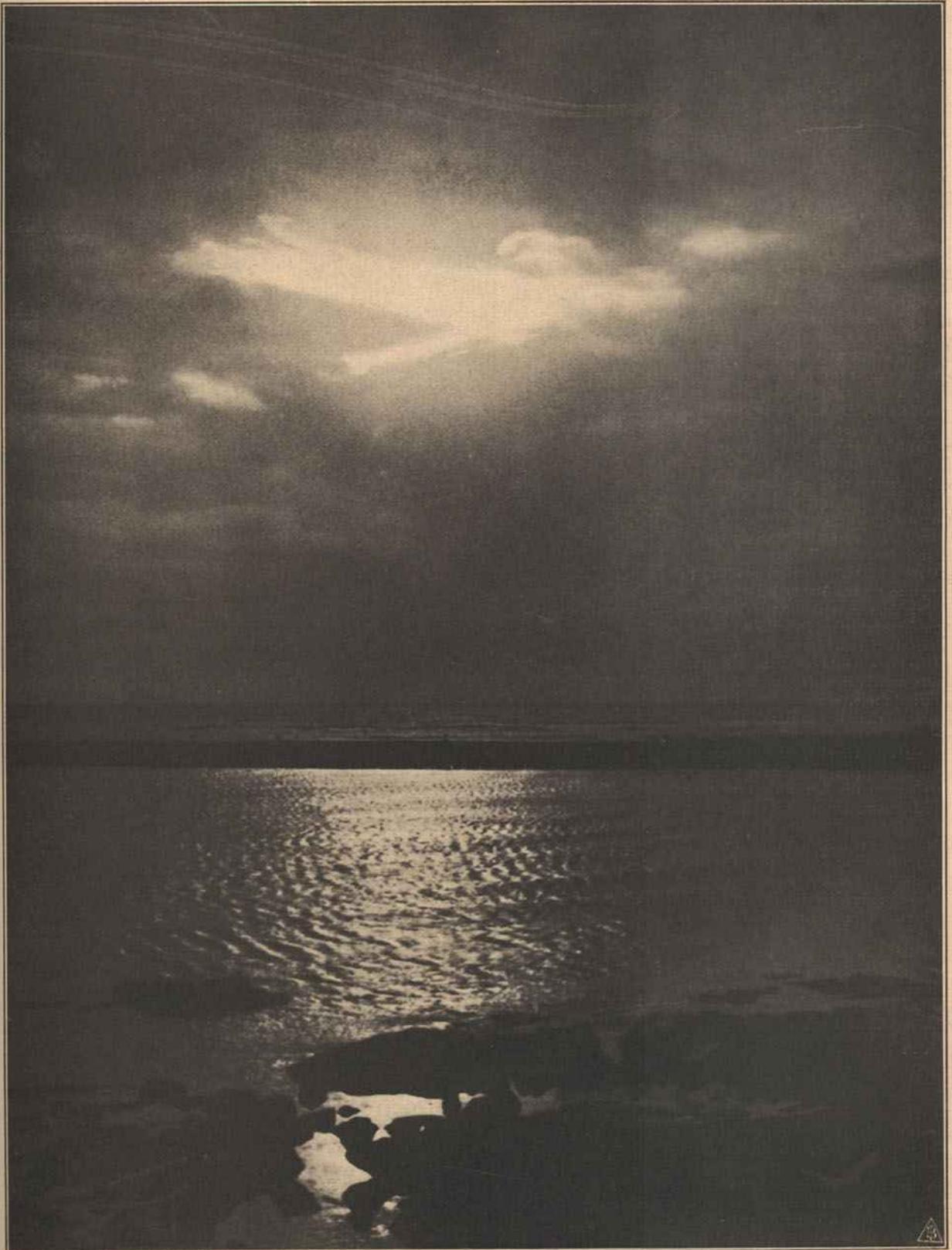
Com efeito, o *bichanus vulgaris*, como o classificaria qualquer Lineu menos exigente, é na vasta familia felina o único que consentiu em transigir com a domesticidade, sem quebra da sua linha de digno representante duma aristocracia de garra e dente.

Egoísta, amigo da sua comodidade e do prazer de ronronar os seus sonos em sitio abrigado e quente, o gato representa no lar um amigo que não é para as ocasiões.

Alexandre Dumas, filho, que tinha pelos gatos uma singular predilecção, fez dos defeitos dos bichanos, comparando-os com as qualidades do cão, uma graciosa defesa, em que o egoísmo dos felinos sobressai como prova duma inteligência prática e decisiva. Assim, falando das habilidades caçadoras de gatos e de cães, Dumas louva o desembaraço do gato que passa horas à espera de apanhar um pássaro, para o comer e põe em destaque a estupidez do cão que anda léguas atrás duma perdiz ferida, para vir entregá-la ao caçador, que



PORTUGAL—ARTE E PAISAGEM



VIANA DO CASTELO—UM POENTE

(Cliché do distinto amador sr. José Maria Coutinho)



# A DANÇA

Desde que o ouvido humano começou a escutar o primeiro ritmo — e foi talvez o cair das gotas de água, que geram as stalactites, o primeiro ritmo musical — desde que o som marcado e isócrono desvendou ao homem o mistério da harmonia, na sua forma mais simples, que êle deve ter sentido a necessidade quasi física de medir os seus movimentos pelo compasso dêsse ritmo primitivo.

Assim deve ter nascido a dança, a beleza da atitude, o culto plástico do movimento.

Tão funda impressão de beleza deve ter provocado nas almas simples da humanidade infante o ritmo da dança, que logo se lhe atribue uma origem de inspiração divina e é perante as aras que a dança se desenvolve, ao som de instrumentos primitivos, como oferenda grata aos deuses.

Os sacerdotes propiciam as divindades dançando em sua honra e louvor e os crentes aproximam-se dos altares em passos ritmicos e apertando contra o seio as primicias da oferta.

O culto politeista favorece singularmente o desenvolvimento da dança. As deusas, principalmente, são exigentes. Regosijam-se com o ritmo das teorias de virgens passando e repassando, em leve ritmo, sob as colunatas dos templos, entre os bosques sagrados, onde alvejam, sôbre o verde-negro da folhagem dos loureiros, as tunicas que a brisa e o movimento graciosamente enfunam.

Mesmo as religiões dum só deus não dispensam o concurso da dança na sua complicada liturgia. No primitivo culto hebraico as cerimónias ritmicas eram imprescindíveis no próprio momento dos sacrificios.

A dança, como as religiões, caminhou através das civilizações do oriente para o occidente. As bayaderas, tangedoras e dançarinas sagradas, ainda hoje atestam a remota origem da dança liturgica.

Grata aos deuses, a dança não podia deixar de agradar aos homens, que dentro em si criaram os deuses à sua imagem e semelhança.

A dança transformou-se, assim, em prazer dos olhos e em embriaguez dos sentidos.

É tão grande o poder da sua sugestão que, sob a sua influência, Antipas Herodes esquece o supersticioso respeito que a sua raça sentia pelos profetas e entrega a cabeça de Iokanan nas mãos dêbeis de Sa-

lomê, só porque a viu dançar, deslumbrante de nudez, a dança dos sete veus.

Com o andar dos tempos, a dança torna-se arte e profissão e vem, num crescendo de beleza, criando novos ritmos, mais estéticas atitudes, liberta já do hieratismo das cerimónias sacras.

No mundo antigo disputam-se os ricos entre si as escravas e os escravos, que cultivam a arte divina da dança.

Os banquetes do império romano não se consideravam orgias perfeitas se não tivessem a adorná-los a exhibição das mais raras e das mais belas dançarinas.



KARSAVINA

# NA ARTE



Com a entristecedora Idade-Média, a dança decai do seu prestígio. Os dançarinos profissionais são considerados mais como pelotiqueiros vulgares do que como cultores duma arte perfeita e digna. Atendem-se de melhor grado os trovadores que os dançarinos, mas, como no-

bre compensação, a dança entra nos paços e castelos, cultivada por donas e cavaleiros, naqueles festivais célebres de bôdas e alianças, que duravam semanas. Danças graves, de atitudes hieráticas, mas, em todo o caso, danças.

Não vale a pena relembrar, sequer, a marcha lenta da dança através do lento deslizar dos séculos. A Renascença não teve a coragem de ir buscar ao mundo greco-romano, de que se nutriu, a beleza e a estética insuperáveis das suas danças.

Com os requintes de palacianismo a dança adapta-se à graciosidade dos minuets, das gavotes e pavanas e daí por diante, aparte os bailados um pouco acrobáticos das dançarinas e bailarins das óperas, cai-se na monotonia das contradanças, das polkas, das mazurkas e valsas, até ao delírio desengonçado das danças modernas de salão.



ANA PAVLOVA

Entretanto, um movimento de restauração das danças clássicas se ia acentuando.

A alma slava, essencialmente religiosa, guardava o culto da dança, como guardava o génio da música.

Pouco a pouco, lutando contra a espessura do ambiente, os dançarinos russos foram impondo a sua arte.

Inspirados do ritmo, foram os russos os criadores da interpretação da música pela dança, da verdadeira interpretação, que a traduz em movimentos rítmicos e em atitudes de imperecível beleza.

Ana Pavlova, interpretando a Morte do Cisne, é uma criação de beleza que nunca mais esquece.

A doçura de Grieg encontrou no génio desta dançarina o complemento indispensável à sua integral compreensão. Saint-Saens tem nela também a melhor intérprete dos seus ritmos bizarros.

Imaterial, quasi, a Pavlova, dançando, é toda ela uma curva de harmonia, como uma chama que o vento torce e faz vibrar, subir, apagar-se em cinza e morte.

Presentemente, uma outra dançarina atrai os olhares do mundo, que da arte espera mais alguma coisa que uma simples distração.

É Karsavina, a dos expressivos olhos, rainha da atitude, em cujas veias o sangue, passando, parece marcar o próprio ritmo das suas criações.

Intérprete das mais estranhas páginas musicais, Karsavina é uma nova sacerdotisa da sagrada religião da dança, que atrai ao seu culto uma multidão inumerável de fieis adoradores do ritmo e da atitude.

# O MOMENTO TEATRAL



HENRI ROLLAND



VERA SERGINE

As duas primeiras figuras da Companhia Vera Sergine, que se estreia em Lisboa, no Teatro S. Luis



A assistência ao almoço oferecido pela Sociedade de Autores Espanholes, em Madrid, aos representantes da sua congénere portuguesa. Da esquerda para a direita: Valentim de Pedro — Luis Liliars Becerra, gerente da Sociedade de Autores Espanholes — Amílcar Barros Queiros — Joaquim Alvarez Quintero — Feliciano Santos, gerente da Sociedade de Autores Portugueses — Serafín Alvarez Quintero — Francisco Alonso — Marlo Duarte, secretário da Direcção da Sociedade de Autores Portugueses — Manuel Liliars Rivas, presidente da Sociedade de Autores Espanholes — Francisco Morán — José María Acevedo — Jacinto Guerrero — Pablo Luna — Tomás Borrás



# CINEMATOGRAFIA

A cinematografia, a par dos filmes de grande espectáculo, verdadeiros monumentos de faustuosidade, de arte e de esplendor, a par dos filmes cómicos, destinados a alegrar-nos a existência com as suas peripécias sempre novas, compraz-se na produção de grandes dramas da vida, de intimas tragédias de ambiente moderno em que as paixões se entrecrocaram furiosamente, em que as dôres das almas e as alegrias se mesclam num entrecrocado magistral, levando os espectadores a um auge de emoção poucas vezes sentido. Está neste caso a produção intitulada «Circulo do Diabo», dirigida por Benjamin Christianson, tendo por intérpretes, Norma Shearer, Charles Mack e Carmel Myers. Damos algumas notas do sugestivo entrecroço.

Carlo, subproduto da vida desregrada duma grande cidade, acabara de cumprir sentença por crime de roubo, mas nem a pena sofrida nem as exortações bondosas do capelão da cadeia tinham conseguido emendá-lo. Mas ao sair para a rapina nocturna na grande cidade, encontrou uma pequena do campo, Mary, que se perdera e procura uma pousada. Carlo, o espirito do mal a arder nas veias, desnorteia-a ainda mais e leva-a para o quarto em que vive. A pe-

bre Mary, tal é o nome da linda aldeã, conta-lhe confiadamente a sua vida. É orfã de seu pai há alguns dias. Este, ex-acrobata de circo,

ensinára-lhe a sua arte e Mary lançára-se à cidade em busca do director dum circo ambulante, quando se perdeu e caiu nas rês do malfetor. Mas a sua candidez, a sua inocência sem artificios, a sua bondade ingénua tinham-na salvo do perigo, e enternecendo aquela alma empedernida do «fora da lei» que as duras penas da justiça e a palavra do evangelizador tinham tentado, em vão, converter e regenerar. Mary fica sózinha na casa do gatuno e este volta, pela manhã, trazendo-lhe um grande ramo de flores. É ele ainda que a apresenta e lhe arranja o primeiro contrato no circo. Desde esse momento, passa Mary a viver numa pensão cuja dona, a se-

nhora Peters, exerce as funções de encarregada do guarda-roupa no circo e que também entra de estimar verdadeiramente a jovem acro-



Encontrou uma pequena camponesa perdida na grande cidade

bata, ganha pela sua candorosa bondade. Mary, que ignora a profissão de Carlo e o seu passado, sente a pouco e pouco um grande amor por aquele que foi o seu primeiro e leal amigo na grande cidade e assim, em breve os dois jovens trocam promessas de casamento. A vida porém, é dura e tem que esperar até que as modestas posses de ambos permitam o unir-se. Mas o génio do mal não descansa; persegue sempre aqueles que uma vez se deixaram desgraçadamente tentar e surge a Carlo na pessoa dum antigo camarada que o desafia para um assalto de grande monta. Carlo que tem um pequeno officio, tenta esquivar-se mas o outro faz-lhe ver que, com o produto daquele último roubo, poderá casar e regenerar-se então definitivamente.

Na manhã seguinte, Mary esperava-o e viu que elle vinha ferido numa das mãos. Tinha sido uma bala da policia. Foi então que Carlo contou tudo a Mary e quando espera dos labios dela o seu perdão, a policia assalta a casa, prende-o e leva-o, não sem que antes, Mary tenha conseguido jurar-lhe que esperará, trabalhando no circo, que elle cumpra a pena que vai sofrer.

Mas o ambiente do circo é terrivel para ella e sobretudo, o domador Hugo, assedia-a brutalmente a todos os momentos, valendo-se da influencia que tem sobre o director, para a ameaçar de a despedir se ella não cede aos seus desejos.

Terminada a época na cidade, a companhia seguirá em tournée e Yona, amante de Hugo, cheia de ciúmes por ver a paixão do domador, cortou uma noite a corda do trapézio em que



A pobre acrobata, sofria as assiduidades de Hugo, o domador e os ciúmes da mulher deste



Carlo regenerava-se e fazia a eterna felicidade da pobre Mary, num amor puro e duradouro

Mary executava perigosos exercícios a grande altura, vindo a pobre pequena estatelar-se no solo e ficando em estado gravíssimo.

Até no seu catre de dor, a persegue a brutalidade de Hugo e a pobre já não sabe como suportar o seu calvário quando rebenta a guerra o que traz como consequência a debandada da companhia visto os homens serem chamados às fileiras. Também Carlo consegue um indulto sob promessa de se alistar o que ele faz.

Anos depois, a paz restabelecida, Carlo, regenerado, trabalha de sapateiro na escada da senhora Peters e ambos procuram inutilmente Mary de quem não tem a mais pequena notícia. É a antiga guarda-roupa do circo que a encontra a vender bonecas pelas ruas e em grande miséria. Leva-a para casa, a boa mulher, e provoca o encontro dela com Carlo. A alegria de ambos é enorme, mas as lágrimas de Mary não tardam em brotar ao relembrar o passado e Carlo, posto ao corrente das vilanias de Hugo, que outrora se dizia seu amigo, jura solenemente vingar-se onde quer que encontre o domador. Nada sabe dele mas, procurando-o com ardor chega a saber onde o outro se acoitou depois de terminada a guerra. Vai ao misero tugúrio de Hugo mas a arma vingadora que empunhara, cai-lhe das mãos. Hugo, miserável rebotado da guerra maldita, era agora um cego que esmolava pelas ruas e Yona, envelhecida, estaimada, o seu guia! A justiça do céu adiantara-se-lhe. Nada mais restava a Carlo senão converter todo o seu ódio em piedade pelos desventurados e em mais amor ainda, se possível fôsse, pela sua doce Mary, a linda acrobata do «Circo do Diabo». (Produção Metro-Goldwyn).

■ ■ ■

A «British Prod.» vai executar um filme «Madame de Pompadour» para o qual contratou Dorothy Gish, António Moreno e Nelson Keys, dois operadores americanos e o grande *costumier* Tom Hesselwood. Embora dirigido por um inglês, cujo nome ainda é uma incógnita, vemos que não se pode chamar precisamente um filme inglês.

■ ■ ■

Em França continuam a adaptar-se obras de teatro ou romances ao ecrã. Além de todos os romances de Maurice Dekobra, anunciam-se para breve as apresentações de «L'Etrangère» de Dumas, de «Miss Helyett» de Audran, «Le Roi-Lepreux» de Pierre Benoît, «Education de prince» de Maurice Donnay,

«Paris sous l'oeil du monde» de J. J. Frappa, «Paname» de F. Carco, «La nuit est à nous» de Kistemaekers e «Roman d'un jeune homme pauvre» de Feuillet. Esta última obra é filmada já pela quarta vez, sendo agora seu realizador o ilustre Gaston Ravel.

■ ■ ■

Yvan Mosjokine, o grande intérprete de «Miguel Strogoff» deve já, a estas horas, estar em Culver City, Los Angeles, onde vai cumprir o seu contrato com a «Universal». O genial comediante russo chamar-se há na América Yvan Moskine. Ainda não ranspiraram as razões desta terríssima singular.

■ ■ ■

A sede da companhia «Paramount» em Nova York é um edifício colossal que tem de altura 130 metros. Para calcularmos a *graça yankee* de tal edifício, devemos lembrar-nos de que «Nossa Senhora de Paris» tem 58 metros de altura, o Arco do Triunfo, 49 metros, a basílica dos Inválidos 110 metros e o nosso zimbório da estrela uns 63 aproximadamente.



Aileen Pringle, arvorando um exótico chapéu de requintada elegância em «A Little Bit of Broadway»



O cedro da Praça do Rio de Janeiro, em Lisboa, martirizado em forma de caramanchão



O cedro de Montigny-Lencoup, que mede 35 metros de altura e 4 metro e 60 de circunferência do tronco

# O S CEDROS

Há pouco, um sábio indiano revelou a uma assembleia selecta de homens de sciência que, após estudos demorados e atentos, chegara à conclusão de que as plantas teem, como nós, um sistema circulatório e, portanto, um coração, sensibilidade, talvez, mesmo, sentimento.

Esta revelação do sábio indiano, que demonstrou praticamente as suas afirmações com experiências concludentes, encerra uma dose de poesia que, em regra, não costuma caracterisar as investigações scientificas. Chega, até, a ser enternecedora esta certeza que a sciência nos traz de que as plantas, ainda que a seu modo, são susceptíveis de sofrer e, quem diz sofrer, diz de amar.

Com effeito, há nas plantas uma dedicação muda que atinge proporções de sacrificio e que nós, humanos, nunca compreendemos nem agradecemos sufficientemente. O trigo, por exemplo, que há milhares de annos consente em germinar, crescer e multiplicar-se, é um amigo do homem tão prestante, pelo menos, como o boi ou o cavallo. Outros vegetaes, rasteiros ou de alto porte, são por igual devotados amigos que se oferecem, contentes de serem victimas, em holocausto as exigências da grosseira materialidade da nutrição de várias espécies animais.

Mas nem só a estas funções grosseiras e de necessidade se prestam devotadamente as plantas. Florindo, elas dão aos nossos olhos mortais o encanto das tonalidades que os pinéis e as tintas só imperfeitamente reproduzem e ajudam eficazmente a delicia de viver certos momentos, embalsamando o ar com perfumes, que em vão a imaginação dos quimicos-perfumistas pretende imitar. Os lenhosos troncos, quando a morte os atinge ou quando a ferocidade humana os imola a machadada, são ainda na nossa vida a casa que abriga, o berço que embala, o fogo que aquece e o derradeiro conchego do corpo no seio da terra, mãe comum. Assim se aliam as arvores aos nossos prazeres de conforto e felici-

dade e a nossa piedade pelos que deixam a vida.

No que as arvores, porém, mais se misturam a nossa vida, tornando-se nossas cúmplices e confidentes, é na sua função protectora e dispensadoras das sombras discretas e propicias aos idilios e aos devaneios. Um parque, fechado

de arvores, evoca desde logo no nosso espirito ideas de quietação e de paz e faz brotar na nossa alma uma fonte suavissima de desejos castos de noivado.

Neste capitulo de confidências e cumplicidades de amor, os cedros teem uma marcada preeminência. Ou por serem mais copados e de mais cerrada sombra ou porque mais desafogadamente crescem nos sitios em que a natureza se esmerou em reunir encantos, o caso é que ao cedro anda ligada uma tradição constante de idilios, que a História e a Lenda perpetuaram.

Entre nós são célebres os cedros da Quinta das Lágrimas, em Coimbra, que se alinham à beira da Fonte dos Amores, onde a tradição se empenha que tenha decorrido a trágica morte de Inês de Castro, a pesar de a História teimosamente negar o local. Nos principios do século passado, ainda naquella quinta existia um cedro, que o vendaval derrubou, que ostentava, entalhada no tronco, esta inscrição ufana: «Dei sombra a Inês formosa».

Lisboa orgulha-se dum cedro célebre pelas habilidades a que os jardineiros da Câmara o obrigam: o cedro da Praça do Rio de Janeiro, pobre árvore de braços algemados, forçada a uma attitude acachupada de caramanchão, que lhe não permite erguer-se altiva para o céu, donde desce a luz de que se nutre a sua seiva.

Como devem condoer-se deste cedro aleijadinho os seus irmãos do Libano, da semente aristocrática dos que Salomão escolheu para os esplendores do seu Templo e do seu palácio de Jerusalém. E como deve admirar-se da barbaridade cometida esse outro cedro de Montigny-Lencoup, considerado a mais bela árvore de França, para onde foi levado por Bernard Jussien, em 1734, na mesma ocasião em que foi plantado o cedro do Jardim das Plantas, de Paris e ao qual se dispensaram os cuidados e defesas que a sua propectada idade bem merece e plenamente justifica.

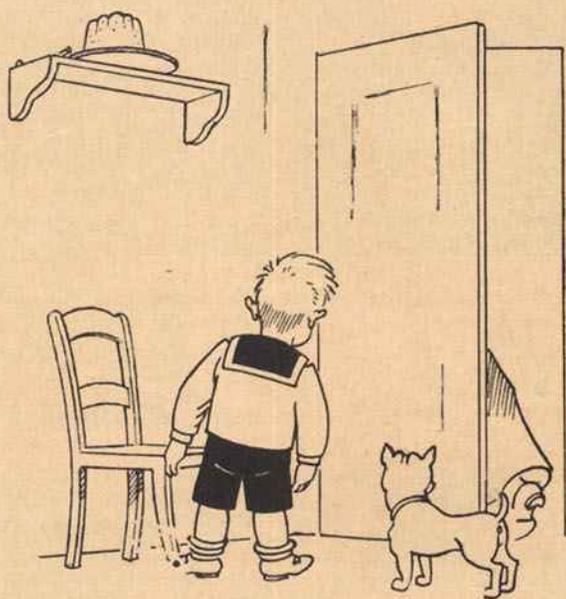


O cedro de Montigny-Lencoup, considerado a mais bela árvore de toda a França

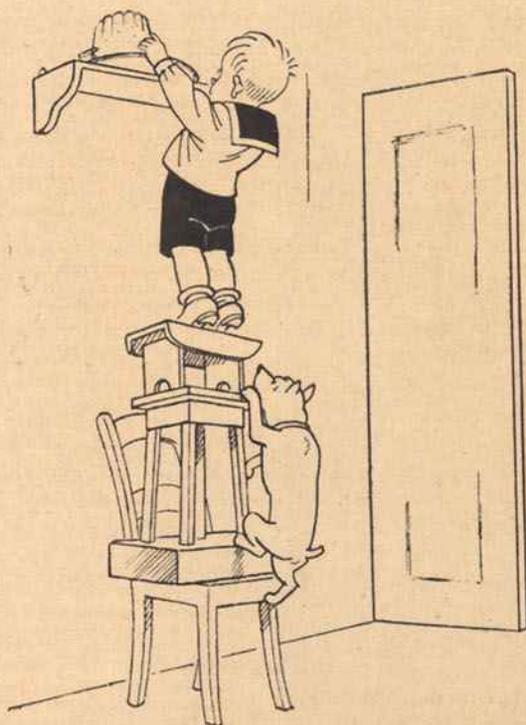
# Página Infantil „É preciso obedecer!“



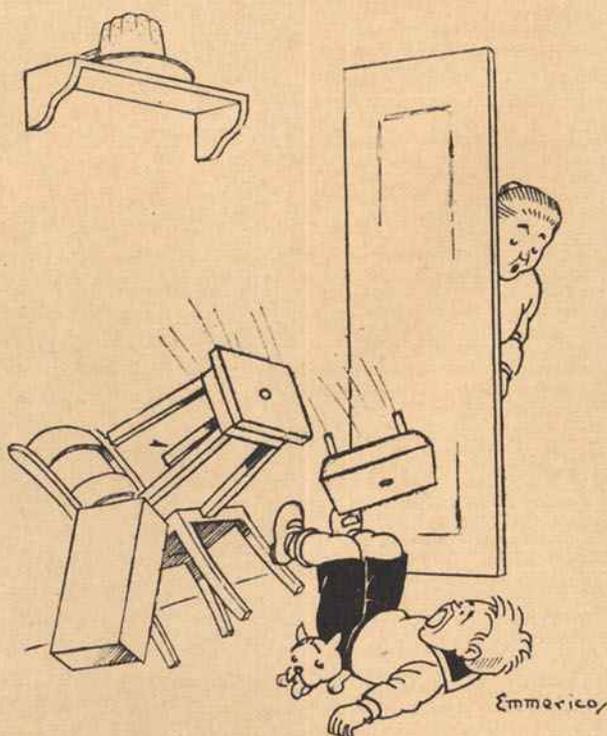
„Dizia a mamã ao Quim,  
Tratando de acautelar:  
— Fiç agora este pudim,  
Mas é p'ra logo, ao jantar!...“



Mal volta costas, o Quim  
Segreda para o Totó:  
— Vamos lá ver se o pudim  
É pudim ou pão de ló!



Mestre de obras consumado,  
O Quim armou um poleiro...  
Totó, prudente, avisado,  
Deixa o Quim subir primeiro.



Quando ia a tirar a prova  
Se é pudim, se é pão de ló,  
Desaba, qual casa nova,  
Sôbre o lombo do Totó.

Emmerico,

# PORTUGAL D'ALEM MAR



DR. FRANCISCO MARTINS

Delegado eleito por Cabo Verde ao Conselho Superior das Colónias



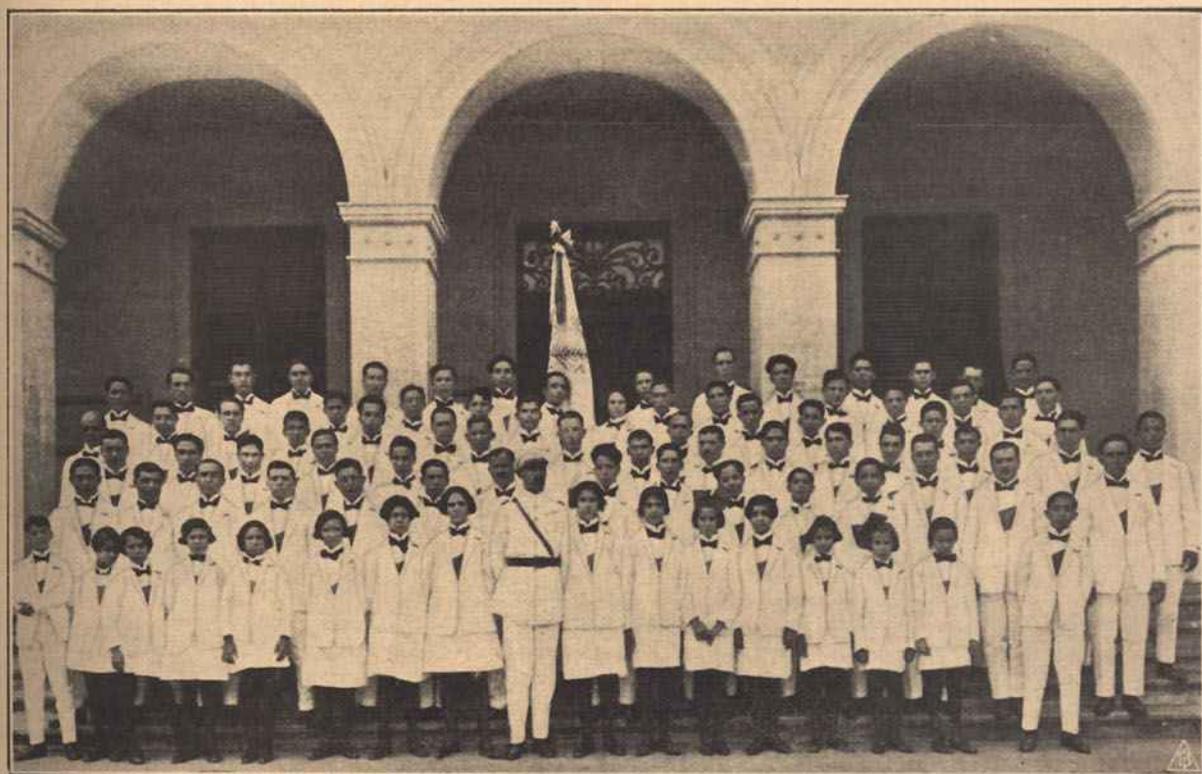
DR. PRAZERES DA COSTA

Delegado eleito pelo Estado da Índia ao Conselho Superior das Colónias



SEBASTIÃO JOSÉ BARBOSA

Delegado eleito por S. Tomé e Príncipe ao Conselho Superior das Colónias



O ORFEÃO PORTUGUÊS, DE LOURENÇO MARQUES

## A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

*(Continuação do n.º 25)**Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.*

O vago reflexo de um esplendor de que ainda se recordavam, uma repetição descorada e muito diluída do que tinham visto na velha e orgulhosa Londres — não, por certo, numa coroação real, mas numa posse de Lord Mayor — se poderia descortinar nos costumes que nossos maiores instituíram para a instalação anual dos magistrados. Os pais e fundadores da república — o estadista, o padre, e o soldado — achavam de seu dever assumir nessa ocasião o estado e majestade anteriores de que, em conformidade com o uso antigo, se julgava próprio revestir a eminença pública ou social. Saíam todos a passar em cortejo ante os olhos do povo, porque era preciso conferir dignidade à singela estrutura de um governo de tão recente construção.

Neste dia se deixava, também — ainda que se não ordenava — que o povo interrompesse a sua aplicação, tão severa e continuada, aos vários modos do seu duro trabalho, que, em tôdas as outras ocasiões, pareciam da mesma matéria e qualidade que a sua religião. Aqui, é certo, não havia nenhum dos divertimentos que a alegria popular tão facilmente encontraria na Inglaterra do tempo de Isabel ou do de Diogo — nenhum rude teatrinho; nenhum menestrel, de harpa e lendária balada, nem músico com seu macaco dançante; nenhum pelotiqueiro, com suas sortes de bruxaria mímica; nenhum cho-carreiro a alegrar a multidão com gracejos, porventura já seculares, mas que ainda produziam efeito, por fazerem apêlo às grandes fontes do sentimento do ridículo. Todos êsses mestres dos vários ramos da jogralidade teriam sido severamente reprimidos, não só pela disciplina rígida da lei, mas pelo sentimento geral, que dá às leis a sua vitalidade. Todavia, o rosto grande e honesto do povo sempre sorria — com certa gravidade, mas sinceramente. Também não faltavam entretenimentos que os colonos tinham visto, e em que tinham tomado parte, nas feiras rurais e nos rossios das aldeias da Inglaterra, e que se achava bem que se mantivessem neste solo novo, por causa da coragem e virilidade que neles eram essenciais. Viam-se aqui e ali pela praça certames de luta, das diferentes maneiras da Cornualha e do Devonshire; a um canto havia um combate amigável de pau; e — o que despertava maior interesse — na plataforma do pelourinho, já tão fulada nestas pá-

ginas, dois mestres de esgrima começaram uma exibição com escudo e espada. Mas, com grande contrariedade do povo, êste último espectáculo foi interrompido pela intervenção do bedel da cidade, que não tinha intenção de permitir que se violasse a majestade da lei, abusando por aquela forma de um de seus lugares consagrados.

Não será de mais afirmar, de modo geral — visto que o povo se encontrava então nos primeiros graus do temperamento triste e era filho de gente que soubera, em seu tempo, ser alegre — que se poderia comparar favoravelmente, em matéria de emprêgo dos dias de festa, com os seus descendentes, mesmo a distância em que estamos. Sua posteridade imediata, a geração que se seguiu a dos primeiros imigrantes, já tinha a mais negra côr puritana, e a tal ponto escureceu a fisionomia nacional, que nem todos os anos subsequentes teem bastado a aclará-la. Temos ainda que tornar a aprender a esquecida arte da alegria.

O quadro de vida humana que se observava na praça do mercado, ainda que a sua côr dominante fôsse o cinzento, o castanho ou o negro tristes dos imigrantes inglêses, era contudo animado por outras côres. Um bando de índios — com seu luxo selvático de vestes de pele de corça bordadas, de cintos de búzios, de oca vermelha e amarela, e de penas, e armados de arco e setas e de lanças de ponta de pedra — formava um grupo à parte, com rostos de gravidade inflexível, que até excedia o mais que o aspecto puritano poderia atingir. Mas, por bárbaros que fôsem estes selvagens pintados, não constituíam êles a parte mais bárbara daquele quadro. Essa distinção podia com mais justiça conferir-se a alguns marinheiros — da tripulação do navio que viera do Mar de Espanha — que tinham vindo a terra a ver as festas do Dia da Eleição. Eram bandidos de aspecto brutal, de rostos queimados do sol, e com barbas imensas; traziam as calças, curtas e largas, seguras por meio de cintos, muitos dêles presos por fivela de ouro maciço, e dos quais pendia sempre uma comprida fuca, e, nalguns, uma espada. Por baixo dos chapêus de aba larga, de fôlha de palmeira, luziam olhos que, mesmo quando afáveis ou alegres, não perdiam uma espécie de ferocidade animal.

Transgrediam, sem receio nem escrúpulo, as regras de procedimento a que todos os mais se submetiam: fumavam mesmo ao pé do bedel, quando, se um cidadão o fizesse, cada fumaça lhe custaria um xelim de multa; e bebiam, a seu talante, grandes tragos de vinho ou de aguardente, de borrachas que traziam consigo, e que livremente ofereciam à multidão atônita que os cercava. Era um facto que bem caracterizava a moral imperfeita daquela época, a que chamamos rígida, o de ter a classe marítima grande liberdade, ou licença, não só para seus desvarios em terra, mas também para actos muito mais violentos que no seu próprio elemento praticava. Um simples marinheiro daqueles tempos não andaria longe, nos nossos, de ser classificado como pirata. Não poderia haver dúvida, por exemplo, de que a tripulação dêste mesmo barco, ainda que a não compusessem exemplares desfavoráveis da classe marítima, se tinha tornado culpada, como hoje útriamos, de assaltos ao comércio espanhol que lhes poriam os pescoços em risco num tribunal de nossos dias.

Mas o mar, nesses antigos tempos, ondulava, empolvava-se, espumava, muito à sua vontade, ou sujeito só ao vento tempestuoso, quasi sem nenhuma tentativa de homens para lhe dar leis. O corsário do mar podia deixar o seu officio e passar logo a ser, em terra, se quisesse, homem de probidade e devoção; e mesmo em pleno curso da sua vida desregrada, não era tido por pessoa com quem ficasse mal a um homem ter negócios ou mesmo temporariamente associar-se. Os anciãos puritanos, com suas capas pretas, peitilhos engomados, e chapêus em chaminé, não deixavam, pois, de sorrir condescendentemente ao clamor e rudeza dêstes alegres marinheiros; e não houve motivo para surpresa ou reparo quando se viu um cidadão de tão bom nome como o velho físico Roger Chillingworth entrar na praça do mercado em conversa íntima e familiar com o comandante do navio suspeito.

Era o comandante, e de muito, a mais vistosa e brilhante figura, no que dizia respeito a vestuário, que se podia ver entre a multidão. Trazia abundância de fitas pelo fato, e de rendas de ouro no chapêu, que era também circundado por uma corrente de ouro, e encimado por

uma pena. Tinha uma espada ao lado, e na testa uma cicatriz, que, pelo modo como arranjava o cabelo, parecia antes querer mostrar que esconder. Mal poderia um homem da terra aparecer com este vestuário e mostrar esta cara, e usar um e mostrar outra com tanta galhardia, sem que sofresse um severo interrogatório de um juiz, e provavelmente uma multa ou um tempo de prisão, ou talvez uma exibição no pelourinho. Porém no mestre do navio, tudo isso passava por tão próprio como num peixe as escamas luzidas.

Depois de separar-se do físico, o comandante do navio de Bristol vagueou indolentemente pela praça; até que, acontecendo-lhe aproximar-se do lugar onde estava Hester Prynne, pareceu reconhecê-la e não hesitou em se lhe dirigir. Como sempre acontecia onde se encontrava Hester, tinha-se formado em torno dela um pequeno espaço vago — uma espécie de círculo mágico — para onde, ainda que o povo se acotovelasse a pequena distância, ninguém ousava, ou se sentia disposto, a entrar. Era um sinal bem vivo da solidão moral em que a letra encarnada envolvia a sua portadora; em parte pela própria reserva desta, em parte pela retirada instintiva, se bem que já menos desamovível, dos seus semelhantes. Agora, se nunca até ali, esse afastamento serviu a um bom fim, permitindo que Hester e o marinheiro pudessem falar sem risco de serem escutados; e tão mudada estava a reputação de Hester ante o público, que nem a matrona mais eminente na cidade pela sua moral rígida poderia ter tido essa conversa com menos risco de escândalo do que ela.

— Então, senhora — disse o marinheiro — terei que dizer ao dispenseiro que apronte mais um beliche que os que vós tratastes! E não há que ter medo de escorbuto ou de febres nesta viagem. Com o cirurgião de bordo e este outro físico, não haverá perigo senão de droga ou pilula; e tanto mais que há a bordo muitas cousas de botica, em que fiz negócio com um navio espanhol.

— Que quereis dizer? — perguntou Hester, mais sobressaltada do que deixou transparecer. — Tendes mais algum passageiro?

— Pois não sabeis — exclamou o mestre — que este físico daqui — Chillingworth diz ele que se chama — também tenciona experimentar os meus camarotes? Sim, sim, deveis sabê-lo; pois ele me disse que ia convosco e que é grande amigo daquele senhor de que me falastes — o que se teme destes velhos e azedos governantes puritanos.

— Em verdade conhecem-se bem um ao outro — respondeu Hester com ar de serenidade, se bem que presa da maior consternação. — Há muito tempo que moram juntos.

Nada mais se passou entre o marinheiro e Hester Prynne. Mas naquele instante viu ela o próprio Roger Chillingworth, de pé no canto mais afastado da praça, a olhar para ela e a



sorrir-se; um sorriso que — através da praça grande e ruidosa, de todo o falar e rir, e dos vários pensamentos, estados de ânimo e interesses da multidão — lhe revelava um propósito secreto e sinistro.

## XXII

## O CORTEJO

ANTES que Hester Prynne tivesse podido voltar de sua surpresa, e considerar o que poderia fazer neste novo e alarmante aspecto da sua situação, ouviu-se um som de música militar, que vinha de uma rua contigua e se ia aproximando. Este som indicava o avanço do cortejo de magistrados e cidadãos a caminho da Assembleia; onde, de acordo com um costume já então estabelecido, e depois sempre observado, o reverendo sr. Dimmesdale ia pronunciar um Sermão de Eleição.

Não tardou que surgisse a cabeça do cortejo, que, em marcha lenta e majestosa, virou uma esquina e em seguida atravessou a praça do mercado. À frente vinha a música. Compunha-se de variedade de instrumentos, talvez imperfeitamente adaptados uns aos outros, e tocados sem grande pericia; mas que, entretanto, atingiam o grande objecto para que a harmonia de tambor e clarim se dirige à multidão — o de dar carácter mais alto e heróico à scena que ante ela passa. A pequenina Pearl, a principio, bateu as palmas, mas logo a seguir perdeu por um instante a agitação irrequieta que a mantivera em constante eferescência tãda aquela manhã; olhou em silêncio, e parecia ser erguida ao alto, como ave marinha que flutua, nas grandes ondas de som. Voltou, porém, a sua anterior disposição quando viu brilhar o sol nas armas e nas couraças luzidas da companhia militar, que vinha logo depois da música, e formava a guarda de honra do cortejo. Este corpo de soldados — que ainda hoje existe, e que vem marchando desde o passado com anti-

ga e honrada fama — não se compunha de mercenários. Formavam as suas fileiras gentis-homens que sentiam o influxo do ardor marcial, e que tentaram estabelecer uma espécie de Escola de Armas, onde, como numa associação de Cavaleiros Templários, aprendessem a teoria, tanto quanto lha podia ensinar o exercício pacífico, a prática da guerra. O alto conceito em que então era tida a profissão militar via-se bem no altivo porte de qualquer dos membros da companhia. Alguns d'elles, em verdade, por seus serviços nos Flandres e em outros campos de guerra na Europa, tinham ganho bem o direito de usar do nome e pompa da milícia. E o conjunto da força, vestida de aço brunido, e com plumas a ondular no cimo dos morriões fulgentes, fazia um efeito sobremaneira brilhante, que nenhuma parada moderna pode pretender igualar.

E todavia os homens de eminência civil, que vinham logo depois do acompanhamento militar, eram mais dignos da atenção de um observador reflectido. Mesmo no porte exterior tinham um sêlo de majestade a par do qual o passo altivo do guerreiro parecia vulgar, se não absurdo. Naquella época, o que chamamos talento tinha muito menos consideração que tem agora, porém os elementos de peso que produziam estabilidade e dignidade do carácter tinham muito mais. O povo possuía por direito hereditário a qualidade da veneração, que, se porventura ainda sobrevive em seus descendentes, existe neles em muito menor grau, e com muito menos força na escolha e avaliação dos homens públicos. Pode ser que a mudança seja para melhor ou para pior, ou, talvez, em parte num, em parte no outro sentido. Naqueles antigos tempos, o colono inglês que vinha estabelecer-se nestas rudes paragens — tendo deixado na terra natal o rei, os nobres, e todos os graus de uma respeitável hierarquia quando ainda estava nêle viva a faculdade e a necessidade da veneração — dava-a às cãs e às rugas da velhice — à integridade provada — à prudência sólida e à experiência amargurada — às qualidades daquela natureza grave e pesada que dá a idea de permanência, e a que se applica a definição geral de respeitabilidade. Por isso aqueles primitivos estadistas — Bradstreet, Endicott, Dudley, Bellingham, e seus pares — que subiam ao poder pela escolha do povo, pareciam ter sido só raras vezes brilhantes, mas caracterizados por uma ponderada sobriedade, mais que por actividade, de pensamento. Tinham fortaleza e confiança em si mesmos e, em occasiões de dificuldades ou de perigo, erguiam-se em defesa do bem do Estado como uma linha de rdeices contra a violência da maré. Os traços de carácter que acabamos de indicar revelavam-se bem no tipo quadrado do rosto e no grande desenvolvimento físico dos novos magistrados coloniais. Pelo que é de um porte de natural autoridade, não tinha a mãe-pátria de que se envergonhar se visse estes homens

## ILUSTRAÇÃO

principais de uma verdadeira democracia admitidos na Câmara dos Pares ou a formar o Conselho Privado do Rei.

Logo a seguir aos magistrados vinha o jovem e eminentemente distinto sacerdote de cujos lábios se esperava o discurso do aniversário. Nesse tempo, a superioridade intelectual revelava-se muito mais na sua profissão que na vida política; pois que — não falando já num motivo de ordem superior — esta profissão oferecia, no respeito, e quasi veneração, da comunidade, atracção assaz forte para chamar a seu serviço as ambições mais difíceis de contentar. Até o poder politico — como no caso de Increase Mather — não estava fora do alcance de um padre de grande fama.

Observavam aqueles que estavam agora a olhar para o sr. Dimmesdale que nunca, desde que pusera pé na Nova Inglaterra, tinha elle revelado tanta energia como a que se lhe via no porte e na attitude em que acompanhava o cortejo. Não se lhe notava a tibieza de passo das outras occasiões; não ia curvado, nem pousava a mão ominosamente sobre o coração. Todavia, a quem reparasse bem, esta força não parecia ser do corpo. Poderia ser espirital, e comunicada por influxo angélico. Poderia ser a animação daquele licor potente que só se distilla ao lume do pensamento concentrado e continuo. Ou porventura seu temperamento sensível cobrava força da música alta e estridente que subia para o céu e o erguia em sua onda ascendente. Porém, tão abstracta era a sua attitude, que se poderia duvidar se o sr. Dimmesdale sequer ouvia a música. Lá ia o corpo, avançando sempre, com força desaccostumada. Mas o espirito, onde estava? Muito ao fundo de sua região própria, occupando-se, com sobrenatural actividade, em dispor um cortejo de pensamentos sublimes que em breve dali emanariam; por isso nada via, nada ouvia, de nada tomava conhecimento, de quanto o cercava; mas o elemento espirital travava do corpo fraco e o ia conduzindo, sem sentir o peso, e convertendo-o em sua própria substância espirital. Os homens de intelligência invulgar, quando enfermos, possuem este poder ocasional de um esforço enorme, no qual concentram a vida de muitos dias, ficando depois sem vida durante outros tantos.

Hester Prynne, olhando fixamente para o padre, sentiu vir sobre ella uma influencia desoladora, mas porquê ou donde, não sabia, a menos que não fosse por elle parecer estar tão longe da esfera dela, e inteiramente fora de seu alcance. Esperava que um olhar de reconhecimento forçosamente se trocasse entre ambos. Pensava na floresta sombria, com o seu vale solitário, e o amor, e a angustia, e o tronco coberto de musgo, onde, sentados de mãos dadas, haviam trocado falas tristes e apaixonadas, ou murmúrio melancólico do regato. Quão profundamente se haviam então conhecido! E era este homem? Mal o conhecia

agora! Tão altivamente passava, envolvido, por assim dizer, na música solene, com o cortejo de anciãos majestosos e venerandos; tão inatingível na sua situação exterior, e ainda mais naquella distante perspectiva de seus alheados pensamentos onde agora o via! Succumbiu, ao pensar que tudo deveria ter sido um sonho, e que, por vividamente que o tivesse sonhado, nenhum laço podia haver entre ella e o padre. E Hester era bastante mulher para que mal pudesse perdoar-lhe — sobretudo agora, que os pesados passos do Destino de ambos se ouviam aproximar, mais perto, mais perto, cada vez mais perto! — que elle assim pudesse tão completamente retrair-se do mundo de sua mútua afeição, enquanto ella o buscava nas trevas, estendendo as mãos frias, e o não encontrava.

Pearl ou via as emoções da mãe e lhes correspondia, ou por si mesma sentia a distancia e intangibilidade que entre ellas e o padre se interpusera. Enquanto passou o cortejo, a criança manteve-se agitada, mexendo-se como ave que vai voar. Quando tudo acabou de passar, olhou para o rosto de Hester.

— Mãe — disse ella — aquelle era o mesmo padre que me deu o beijo ao pé do regato?

— Cala, pequenina querida — segredou a mãe. — Nem sempre devemos falar na praça do que nos acontece na floresta.

— Não fiquei certa se era elle — tão diferente parecia — continuou a criança. — Se tivesse tido a certeza, teria corrido para elle, a pedir-lhe que me beijasse aqui, diante de toda a gente; um beijo como o que elle me deu lá, entre as arvores escuras. Que diria elle, mãe? Era capaz de pôr a mão em cima do coração, e de ficar zangado comigo, e de me mandar embora?

— Que diria elle, Pearl? — respondeu Hester — senão que não era occasião de beijos e que não é na praça que elles se dão? Ainda bem para ti, tolinha, que lhe não foste falar!

Outra forma do mesmo sentimento, em referência ao sr. Dimmesdale, foi expressa por uma pessoa cujas excentricidades — ou, com o termo próprio, cuja loucura — a levaram a fazer uma cousa a que poucos dos cidadãos se aventurariam — conversar em publico com a portadora da letra encarnada. Era a senhora Hibbins, que, em trajo da maior sumptuosidade, com tripla gola de rufos, corpete bordado, vestido de veludo rico, e bengala de castão de ouro, saíra à rua para ver o cortejo. Como esta velha senhora tinha a fama (que depois lhe custou nada menos que a vida) de ser uma das pessoas que mais intervinham nos actos de nigromancia que continuamente se praticavam, a multidão logo lhe deu passagem, parecendo temer o contacto de suas roupas, como se nas opulentas dobras levassem a peste. Vista junto de Hester Prynne — a pesar da benevolência que muitos já dispensavam a esta — o medo que a senhora Hibbins inspirava redobrou, e determinou um

movimento geral de afastamento do lugar onde estavam as duas mulheres.

— Ora, que imaginação mortal o poderia conceber! — segredou a velha senhora, confidencialmente, a Hester. — Aquelle homem piedoso! Aquelle santo na terra, como lhe chama o povo, e como — devo confessá-lo — realmente parece! Qual das pessoas que o viram passar no cortejo poderia pensar que ainda há pouco elle saíu do seu gabinete a mastigar um passo hebreu da Escritura, tenho a certeza — para dar um passeio na floresta! Aha! nós sabemos o que isso quer dizer, Hester Prynne! Mas em verdade, em boa verdade, custa a crer que seja o mesmo homem! Muitos padres tenho eu visto passar nos cortejos atrás da música, que já tem dançado na mesma dança que eu, quando Alguém toea a rabeça, e algum feiticeiro indio ou mago da Lapónia nos dá a mão na roda! Não é cousa de que se admire uma mulher que conhece o mundo. Mas este padre! Estás bem certa, Hester, de que foi este mesmo homem que te encontrou na vereda da floresta?

— Senhora, não sei de que falais — respondeu Hester Prynne, reconhecendo que a senhora Hibbins não estava em seu juizo; mas ao mesmo tempo singularmente sobressaltada e apavorada pela convicção com que ella afirmava haver relações pessoais entre tantas pessoas (entre as quais ella mesma) e o Anjo Mau. — Não me cabe a mim falar de animo leve de um Ministro do Verbo, tão sábio e tão piedoso como é o reverendo sr. Dimmesdale.

— Ora, mulher, ora! — exclamou a velha senhora, abanando o dedo para Hester. — Crês tu que eu, que tanta vez tenho estado na floresta, não tenho artes de saber quem mais é que lá tem estado? Sim, mesmo que não lhes tenha ficado no cabelo uma só folha das grinaldas com que dançaram! A ti reconheço-te eu, Hester, porque vejo o sinal. Todos o podem ver à luz do sol; e no escuro brilha como uma chama vermelha. Tu o usas abertamente, por isso de ti não poderá haver dúbida. Mas este padre! Deixa que to diga ao ouvido! Quando o Homem Negro vê algum de seus servos, assinalado e selado, tão pouco pronto a confessar o pacto como o reverendo sr. Dimmesdale, tem maneiras de arranjar as cousas, para que o sinal seja descoberto em pleno dia, e aos olhos do mundo inteiro! Que é que o padre quer esconder com a mão sempre sobre o coração? Há, Hester Prynne!

— Que é, boa senhora Hibbins? — perguntou a pequenina Pearl, ansiosamente. — Já viste o que era?

— Descansa, amorzinho! — respondeu a senhora Hibbins fazendo uma grande mesura a Pearl. — Tu mesma o hás de ver, mais cedo ou mais tarde. Dizem, pequena, que tu és da linhagem do Príncipe do Ar! Queres tu ir a cavallo comigo, qualquer noite bonita, ver o teu pai? Então saberás porque é que o padre tem sempre a mão sobre o coração! (Continua.)



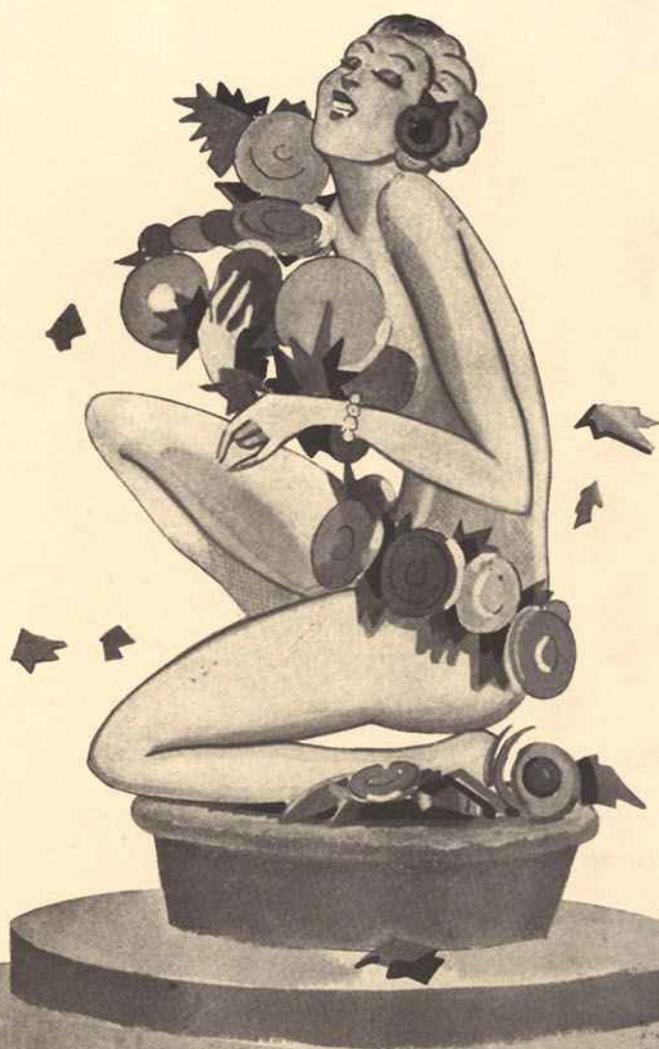
**MAGAZINE  
BERTRAND**

---

---

20.000 vendidos em 3 dias!

A publicação mais interes-  
sante e instrutiva que deve  
entrar em todos os lares!



**BERTRAND IRMÃOS, L<sup>DA</sup>**

+ GRANDES + ATELIERS +  
+ DE + GRAVURA +

*T. DA CONDESSA DO RIO 27 LISBOA*

# LINCOLN

O conforto  
que goza quem  
viaja num LINCOLN  
sobrepuxa tudo o que  
até agora se consi-  
derava o maximo de  
comodidade dum  
automovel.

